

CONVERGÊNCIA

MARÇO - 2001 - ANO XXXVI - N. 340

ISSN 0010-8162

- Campanha da Fraternidade – 2001
- Solidariedade e a Condição Humana
- A Propósito do Terremoto de El Salvador
 - Anunciação do Senhor



SUMARIO

Editorial	65
Palavra do Papa	68
Informe CRB	72
Artigos	77
Campanha da Fraternidade – 2001.	
Em Busca do Verdadeiro Sentido da Vida Ameaçada pelas Drogas	77
<i>Pe. Antonio Donizetti Sgarbi</i>	
Solidariedade e a Condição Humana	89
<i>Jung Mo Sung</i>	
Reflexões a Propósito do Terremoto de El Salvador	110
<i>Pe. Jon Sobrino, sj</i>	
Anunciação do Senhor	119
<i>Pe. Luís Stadelmann, sj</i>	

Capa: "A Samaritana", escultura em madeira de Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho), entre 1781 e 1783, no púlpito da epístola na Igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo, em Sabará (MG). Foto de Marcelo Pinheiro.

ASSINATURA PARA 2000:

BRASIL: Terrestre ou aérea R\$ 75,00

Número avulso R\$ 7,50 ou US\$ 8,50

EXTERIOR: Terrestre ou aérea US\$ 85,00

ou o correspondente em R\$ (Reais).

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores
e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*



convergência

Revista Mensal da

Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB

ISSN 0010-8162

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:

Ir. Romi Auth, FSP

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitória, SJ

Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar
20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

Tel.: (0**21) 240-7299

e-mail: crb006@ibm.net

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP

Tel.: (0**11) 6914-1922

e-mail: loyola@loyola.com.br

Sim à Vida

MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI

A Campanha da Fraternidade deste ano coloca novamente em pauta o tema Vida. Tema crucial porque no mundo de hoje vai se tornando freqüente o fenômeno extremamente preocupante da banalização da violência com a conseqüente desvalorização da vida humana. Tal afirmação pode parecer, à primeira vista, uma maneira pessimista e até mesmo dramática de encarar os fatos. Mas o certo é que o desafio é real e não seria sensato ignorá-lo. Não resta dúvida de que a questão é enormemente complexa. Os fatores que contribuem para que tal situação exista e se agrave são múltiplos e de diferentes ordens e signos.

A Campanha da Fraternidade de 2001 confere destaque ao fator drogas, insistindo na necessidade de se chegar às suas causas estruturais e conjunturais. Na verdade, não se pode minimizar as conseqüências drásticas da expansão alarmante da produção, tráfico e consumo de drogas nas últimas décadas. O fato é sobejamente conhecido, pelo menos nas suas manifestações mais periféricas veiculadas pela mídia. As drogas, com suas causas mais profundas e seus efeitos nefastos, são hoje uma contínua ameaça à vida, uma forma, às vezes requintada, às vezes grosseira de atentar contra a vida, de "banalizar" a própria vida.

Errôneo, porém, seria considerar este fator isoladamente. Como enfatiza o texto-base da Campanha deste ano: "O lema **Vida sim, drogas não** obviamente mantém a relação profunda das CFs anteriores com as estruturas políticas, econômicas e sociais de nosso País. A produção e o tráfico de drogas tornaram-se hoje um grande negócio e, portanto, interferem na política e na cultura de nosso povo. O problema passou a ser estrutural, atingindo um grande número de pessoas, e é, na verdade, mundial" (TB,6). O mesmo texto-base propõe como um dos objetivos específicos da CF "denunciar...

os mecanismos sociais do mercado *neoliberal* que, com seu padrão de consumo insaciável, aumenta a competição e o individualismo, deixando um vazio existencial nas pessoas nele integradas e a revolta nas que dele são excluídas, levando umas e outras para o mundo das drogas” (TB, 11e).

Diante da gravidade do problema, a CF convoca todas as pessoas de boa vontade a se colocarem “profeticamente a favor da vida e da dignidade humana”, a se comprometerem num “grande mutirão de trabalho preventivo”. Tal mutirão, para ser eficiente, supõe que se conheça com bastante lucidez a teia de intrincadas relações que dão origem e sustentam o assim chamado “sistema de drogas” no mundo atual. Supõe também que seja verdadeiro mutirão, isto é, “responsabilidade compartilhada”, articulação de esforços e iniciativas, conjunção de todas as forças sociais. Essa conjunção de forças sociais é absolutamente necessária diante da magnitude do problema e da complexidade das suas causas. Atitudes simplistas e esforços isolados, ainda que tenham o mérito da boa intenção, correm o risco de cair no vazio e não alcançar os objetivos pretendidos: “Sem ignorar nem desprestigiar qualquer trabalho nesse campo, a Campanha da Fraternidade quer intervir na realidade reconhecendo que a droga não é o principal problema do toxicodependente e, sim, a falta de sentido positivo da vida”. (TB, 127).

A Vida Religiosa no Brasil está convocada a esse mutirão em favor da vida, não só pela Campanha da Fraternidade, senão em razão das suas raízes evangélicas e da sua identidade como vocação carismático-profética no seguimento de Jesus. A quaresma é tempo favorável à mudança, à conversão do coração e das atitudes. Nesse itinerário espiritual rumo à celebração da Páscoa, as comunidades religiosas são, uma vez mais, convidadas a rever suas estruturas, estratégias e opções de vida e missão, numa atenta escuta do Espírito que fala e convoca a partir da realidade, dos sinais dos tempos. O lema da próxima Assembléia Geral da CRB: “Sinais dos tempos, tempo de sinais” quer precisamente incentivar religiosas e religiosos a prosseguir no caminho da refundação, que é conversão ao Deus da Vida no hoje da história. A serem audazes e proféticos na sua busca de respostas evangelizadoras, que respondam efetivamente aos novos desafios do mundo, nesse começo de um novo milênio Os textos publicados este mês na CONVERGÊNCIA são, certamente, subsídios valiosos nessa perspectiva.

O artigo do **P^a. Antônio Donizetti Sgarbi** — “*Campanha da Fraternidade-2001. Em busca do verdadeiro sentido da vida ameaçada pelas drogas*” — tem em vista ajudar as comunidades religiosas a se informarem sobre a temática da CF deste ano e a se comprometerem na difícil tarefa da defesa da vida ameaçada de tantas formas, particularmente pelo mundo da droga. O autor convida o leitor a não se deter nos aspectos mais visíveis desta problemática, mas a aprofundar no conhecimento das suas causas, para tentar

responder de maneira mais lúcida e eficiente a esse enorme desafio da evangelização no mundo atual.

"Reflexões a propósito do terremoto de El Salvador" é um texto de **Jon Sobrino, SJ**, ao mesmo tempo inspirado e questionador. É o testemunho emocionado e vigoroso de quem viveu a tragédia recente que se abateu sobre o povo salvadorenho, mas sobretudo de quem vive há muitos anos naquele país e que conhece bem, não só na teoria mas através da experiência quotidiana, o que é e o que significa o diuturno sofrimento dos pobres. Nessas páginas o autor faz chegar aos leitores uma belíssima mensagem de esperança cristã: "Oxalá a solidariedade ajude a reconstruir casas, mas sobretudo pessoas, o povo; ajude a restaurar caminhos, mas sobretudo modos de caminhar na vida; ajude a construir templos, mas sobretudo o povo de Deus".

Jung Mo Sung, no seu artigo — *"Solidariedade e a condição humana"* —, apresenta uma reflexão profunda, bem documentada de corte sapiencial sobre o que significa e supõe a solidariedade diante do sistema excludente que comanda hoje o destino de povos e nações. Para o autor, "quem já foi tocado por um olhar de uma pessoa pobre e deixou que esse olhar penetrasse no fundo do seu ser sabe que não sairemos 'ílesos' desta experiência que nos modifica profundamente". Seu artigo, sintonizando claramente com o texto de Jon Sobrino pode ajudar as comunidades a desenvolver a atitude cristã fundamental da solidariedade, do amor gratuito e efetivo aos mais pobres e pequeninos como sinal e testemunho do Reino.

Luís Stadelman, SJ, no seu artigo — *"Anunciação do Senhor"* —, oferece às comunidades uma reflexão bíblico-mariológica sugestiva e iluminadora. O autor, teólogo biblista bem conhecido, apresenta no seu texto uma leitura inspirada e inspiradora do relato lucano da anunciação do Senhor. O texto é bem documentado, apto a suscitar a reflexão e a oração nas comunidades, particularmente neste mês em que ocorre a comemoração desta data, ao mesmo tempo cristológica e mariana. ■



Palavra do Papa

O Escândalo da Fome é Intolerável

Ilustres Senhores

Caríssimos Irmãos e Irmãs

1. Estou contente por poder encontrar-vos, por ocasião do Jubileu do mundo agrícola, neste momento de «festa» e ao mesmo tempo de reflexão sobre o estado atual deste importante setor da vida e da economia e sobre as perspectivas éticas e sociais que lhe dizem respeito

Agradeço ao Senhor Cardeal Angelo Sodano, Secretário de Estado, as gentis palavras que me dirigiu, fazendo-se porta-voz dos sentimentos e das expectativas que animam todos os presentes. Saúdo com deferência as ilustres personalidades, ainda que de diversas inspirações religiosas, que esta tarde estão aqui presentes em representação de várias Organizações para nos oferecer a contribuição dos seus testemunhos.

2. O Jubileu dos trabalhadores da terra coincide com a tradicional «Jornada de Ação de Graças», promovida na Itália pela benemérita Confederação dos Cultivadores Diretos, à qual dirijo a mais cordial saudação. Esta «Jornada» é um vigoroso apelo aos valores perenes conservados pelo mundo agrícola e, através destes, sobretudo *o seu forte sentido religioso*. Agradecer é dar glória a Deus que criou a terra e quanto ela produz, a Deus que ficou contente por ela ser uma «coisa boa» (Gn 1,12), e a confiou ao homem para uma guarda sábia e operante.

A vós, caríssimos homens do mundo agrícola, está confiado o dever de *fazer frutificar a terra*. Dever importantíssimo, do qual se vai descobrindo, nos dias de hoje, uma urgência cada vez maior. O vosso espaço de trabalho é habitualmente indicado, pela ciência econômica, como «setor primário». No cenário da economia mundial, no confronto com os outros setores, o seu espaço apresenta-se muito diferenciado, segundo os continentes e as nações. Mas seja qual for o seu peso em termos econômicos, basta o simples bom

senso para pôr em relevo o «*primado*» real que diz respeito às exigências vitais do homem. Quando este setor é desvalorizado ou menosprezado, as consequências que daí derivam para a vida, a saúde e o equilíbrio ecológico são sempre graves e, em geral, dificilmente remediáveis. pelo menos a curto prazo.

3. A Igreja teve sempre uma consideração especial por este campo de trabalho, sobre o qual se exprimiu em importantes documentos do magistério. Como esquecer, a tal propósito, *Mater et Magistra* do Beato João XXIII? Ele pôs a tempo, por assim dizer, «o dedo na ferida», denunciando os problemas que aliás já naqueles anos faziam da agricultura um «setor deprimido», e isto quer em relação «ao índice de produtividade das forças de trabalho», quer «ao nível de vida das populações agrícola-rurais» (cf. *ibid.*, nn. 111-112).

No período que vai da *Mater et Magistra* aos nossos dias, não se pode dizer que os problemas tenham sido resolvidos. Deve-se, antes, constatar que *outros se lhes juntaram*, no quadro das novas problemáticas derivadas da globalização da economia e nos agravamentos da «questão ecológica».

4. A Igreja, obviamente, não tem soluções «técnicas» para propor. O seu contributo põe-se ao nível do testemunho evangélico, e exprime-se através da *proposta dos valores espirituais que dão sentido à vida* e orientam as opções concretas também no plano da economia e do trabalho.

O primeiro valor em jogo, quando se consideram a terra e os que a cultivam, é sem dúvida o princípio que reconduz a terra ao seu Criador: *a terra é de Deus!* E, pois, segundo a sua lei que deve ser administrada. Se, a respeito dos recursos naturais, se afirmou, especialmente sob o impulso da industrialização, uma irresponsável cultura do «domínio» com consequências ecológicas devastadoras, isto não corresponde certamente ao desígnio de Deus. «Enchei e submetei a terra; dominai os peixes do mar e as aves do céu» (Gn 1,28). Estas conhecidas palavras do Gênesis entregam a terra ao *uso* e não ao *abuso* do homem. Elas fazem do homem não o árbitro absoluto do governo da terra, mas o «colaborador» do Criador: missão estupenda, mas também assinalada por limites específicos, que não podem ser impunemente ultrapassados.

É um princípio a recordar na própria produção agrícola, quando se trata de a promover com a aplicação da biotecnologia, que não pode ser avaliada unicamente com base em imediatos interesses econômicos. E necessário submetê-la previamente a um rigoroso controle científico e ético, para evitar que se atue em desvantagem da saúde do homem e do futuro da terra.

5. A pertença constitutiva da terra a Deus fundamenta também o princípio, tão importante para a doutrina social da Igreja, do *destino universal dos bens da terra* (cf. *Centesimus Annus*, 6). O que Deus deu ao homem, deu-o com um coração de Pai. que tem cuidado dos seus filhos, sem excluir ninguém. A terra de Deus é, pois, também terra do homem e de todos os homens! Isto não implica, certamente, a ilegitimidade do direito de propriedade, mas

exige uma concepção e uma conseqüente regulamentação. que salvaguardem e promovam a sua intrínseca «função social» (cf. *Mater et Magistra*. 106; *Populorum Progressio*, 23).

Cada homem, cada povo, tem o direito de viver dos frutos da terra. É um escândalo intolerável, no início do novo Milênio, o fato de muitíssimas pessoas ainda serem condenadas à fome e viverem em condições indignas do homem. *Não podemos mais limitar-nos a reflexões acadêmicas*: é preciso remover esta vergonha da humanidade com apropriadas opções políticas e econômicas a nível planetário. Como escrevi na Mensagem ao Diretor-Geral da FAO por ocasião da Jornada Mundial da Alimentação, é preciso «extirpar pela raiz as ervas daninhas que produzem fome e subalimentação» (cf. *L' Osservatore Romano*, ed. port. de 28/10/2000, pág. 2). Como se sabe, as causas dessa situação são múltiplas. Entre as mais absurdas estão os frequentes conflitos internos nos Estados, autênticas guerras dos pobres. Resta, ainda, a pesada herança de uma distribuição da riqueza verdadeiramente iníqua, no interior de cada nação e a nível mundial.

6. Trata-se de um aspecto, para o qual precisamente a celebração do Jubileu nos faz dirigir uma especial atenção. De fato, a instituição originária do Jubileu, no seu designio bíblico, estava destinada a *restabelecer a igualdade de valores entre os filhos de Israel* também através da restituição dos bens, para que os mais pobres pudessem reerguer-se e todos experimentassem, também no plano de uma vida digna, a alegria de pertencer ao único povo de Deus.

O nosso Jubileu, a dois mil anos do nascimento de Cristo, não pode deixar de ter também este sinal de fraternidade universal. Ele constitui uma mensagem dirigida não só aos fiéis mas também a todos os homens de boa vontade, para que decidam abandonar, nas opções econômicas, a lógica do puro proveito para conjugar o legítimo «lucro» com o valor e a prática da solidariedade. Como eu disse noutras ocasiões, é necessária uma globalização da solidariedade, que supõe por sua vez uma «cultura da solidariedade» que deve florescer no espírito de cada um.

7. Enquanto, pois, não deixamos de chamar para esta orientação os poderes públicos, as grandes forças econômicas e as instituições mais influentes, devemos estar convencidos de que é uma «conversão» que nos diz respeito a todos, pessoalmente. É por nós mesmos que devemos começar. Por isso, na Encíclica *Centesimus Annus*, ao lado dos termos debatidos sobre a problemática ecológica, acrescentei a *urgência de uma «ecologia humana»*. Com este conceito quer-se recordar que «não só a terra foi dada por Deus ao homem, que a deve usar respeitando a intenção original do bem, segundo a qual lhe foi entregue; mas o homem foi doado a si mesmo por Deus, devendo por isso respeitar a estrutura natural e moral, de que foi dotado» (*Centesimus Annus*, 38). Se o homem perde o sentido da vida e a segurança

das orientações morais, extraviando-se nas obscuridades do indiferentismo, nenhuma política poderá ser eficaz em salvaguardar conjuntamente as razões da natureza e da sociedade. É o homem, de fato, que pode construir ou destruir, respeitar ou espezinhar, partilhar ou recusar. Os grandes problemas apresentados ao setor agrícola, em que estais diretamente comprometidos, também são encarados não só como questões «técnicas» ou «políticas» mas, na raiz, como «problemas morais».

8. Portanto, é responsabilidade iniludível de quantos trabalham com o nome de cristãos dar, também neste âmbito, um testemunho credível. Infelizmente, nos países do mundo chamado «desenvolvido» vai-se difundindo um *consumismo irracional*, uma espécie de «cultura do desperdício», que se torna um conhecido estilo de vida. E preciso impedir esta tendência. Educar para um uso dos bens que não esqueça mais nem os limites dos recursos disponíveis, nem a condição de penúria de tantos seres humanos e que, conseqüentemente, *volte o estilo de vida para o dever da partilha fraterna*, é um desafio verdadeiramente pedagógico e uma escolha de grande alcance. O mundo dos trabalhadores da terra, com a sua tradição de sobriedade, com o patrimônio de sabedoria acumulado também no meio de muitos sofrimentos, pode dar um contributo sem par para isso.

9. Por isso, sou-vos vivamente grato por este testemunho «jubilar», que chama a atenção de toda a comunidade cristã e da sociedade para os grandes valores de que o mundo agrícola é portador. Andai nos caminhos da vossa melhor tradição, abrindo-vos a todos os *desenvolvimentos significativos da era tecnológica*, mas conservando zelosamente os valores perenes que vos distinguem. É também este o caminho para dar ao mundo agrícola um futuro de esperança. Uma esperança fundada sobre a obra de Deus, que o Salmista canta assim: «Cuidas da terra e a regas e, sem medida a enriqueces» (Sl 65 [64], 10).

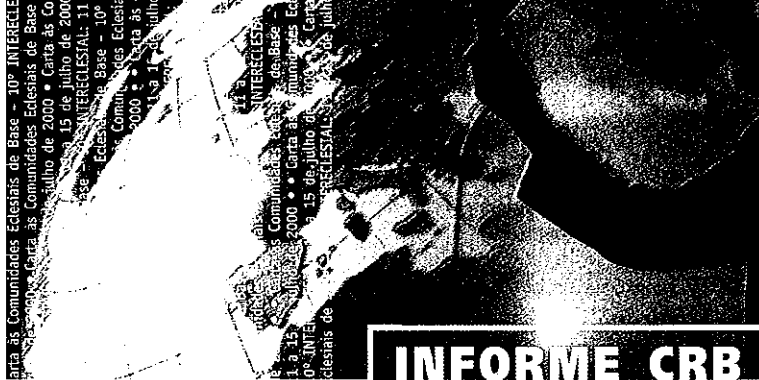
Ao invocar esta visita de Deus, fonte de prosperidade e de paz para as inumeráveis famílias que trabalham no mundo rural, quero conceder a todos uma Bênção Apostólica como conclusão deste encontro.

Antes de se despedir, o Papa saudou ainda os presentes com estas palavras:

Quero agradecer-vos esta bela tarde, o convite e a esplêndida união entre o mundo rural, o mundo agrícola e a música moderna. Obrigado a todos pela participação dos representantes de todos os países e assim toda a Igreja universal vive e celebra o Jubileu.

Desejo-vos um bom repouso. Amanhã espera-vos ainda uma grande celebração. Esperemos que o tempo seja bom!

Joannes Paulus n. II



1. Pastoral da Criança é indicada ao Prêmio Nobel da Paz 2001

O Governo Brasileiro oficializou, na terça-feira, 9 de janeiro, a indicação da Pastoral da Criança ao Prêmio Nobel da Paz 2001. Em cerimônia no Palácio do Planalto, às 15 horas, o presidente Fernando Henrique Cardoso assinou uma carta dirigida ao Comitê Nobel da Paz, em Oslo, Noruega. Além da doutora Zilda Arns Neumann, coordenadora nacional da Pastoral da Criança, estiveram presentes o Ministro da Saúde, José Serra, Pelé, Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, o secretário-geral da CNBB, Dom Raymundo Damasceno Assis, e outras autoridades que compõem a comissão de apoio a esta indicação.

A Pastoral da Criança é um organismo de ação social da CNBB — Conferência Nacional dos Bispos do Brasil —, que acompanha mais de 1,6 milhão de gestantes e crianças carentes menores de seis anos em mais de três mil municípios brasileiros. Um dos resultados alcançados pela entidade é a redução da mortalidade infantil a menos da metade da média nacional. Em 1999, os índices da Pastoral da Criança ficaram entre 12 e 17 óbitos em cada mil nascidos vivos, enquanto o Unicef registrou a taxa média nacional de 34,6 mortes nessa mesma faixa etária. Os números obtidos pela Pastoral são ainda mais expressivos quando se leva em conta que o trabalho é desenvolvido exclusivamente em bolsões de pobreza e miséria, onde a mortalidade, geralmente, chega a ser o dobro da média nacional.

Todo o trabalho é desenvolvido por voluntários que somam, hoje, mais de 145 mil pessoas dispostas a mudar a realidade brasileira. A grande maioria, cerca de 130 mil, é de líderes comunitários que vivem nas próprias comunidades em que atuam. Através desse sistema de organização, a Pastoral da Criança gasta menos de um real por criança ao mês.

Além das ações de saúde, nutrição e educação, desde outubro de 1999 a Pastoral da Criança também desenvolve atividades voltadas à prevenção da violência contra a criança no ambiente familiar, orientando mais de um milhão de famílias sobre ações que levem à promoção da cultura da Paz.

Os recursos para a manutenção das ações da Pastoral da Criança vêm de instituições governamentais e não governamentais. Destacam-se o Ministério da Saúde, que arca com mais de 70% dos gastos da entidade, e o Criança Esperança, programa da Rede Globo em parceria com o Unicef, que repassa à Pastoral da Criança 27% de toda a sua arrecadação anual.

A Pastoral da Criança será a única indicação oficial do Brasil ao Prêmio Nobel da Paz deste ano. Milhares de prefeitos, câmaras municipais, entidades de classe e religiosas já se manifestaram solidárias à essa indicação da Pastoral da Criança. As manifestações de apoio por parte de pessoas físicas já somam mais de 600 mil assinaturas.

O resultado do Prêmio Nobel da Paz 2001 deve ser anunciado em outubro deste ano.

2. Fórum Social Mundial – Proposta do Comitê Brasileiro de Organização

O Fórum Social Mundial será um novo espaço internacional para a reflexão e a organização de todos os que se contrapõem às políticas neoliberais e estão construindo alternativas para priorizar o desenvolvimento humano e a superação da dominação dos mercados em cada país e nas relações internacionais.

O Fórum Social Mundial será realizado todos os anos, a partir de 2001, simultaneamente ao Fórum Econômico Mundial, que ocorre em Davos, Suíça, sempre no final de janeiro. Esse Fórum Econômico tem cumprido, desde 1971, papel estratégico na formulação do pensamento dos que promovem e defendem as políticas neoliberais em todo o mundo. Sua base organizacional é uma fundação suíça que funciona como consultora da ONU e é financiada por mais de 1.000 empresas multinacionais.

O espaço criado pelo Fórum Social Mundial estará voltado para a formulação de alternativas, para a troca de experiências e para a construção de articulações orgânicas, táticas e estratégicas, entre ONGs (Organizações Não Governamentais), movimentos sociais, sindicatos, associações e entidades religiosas, em cada país e em nível continental e mundial. São essas organizações que enfrentarão o desafio de promover e financiar o Fórum Social Mundial. O resultado que dele se espera é a identificação de caminhos e propostas mobilizadoras para manifestações e ações concretas da sociedade civil.

Quando da realização do Fórum Social Mundial deverão ocorrer outros eventos simultâneos e manifestações em torno dos seus objetivos em todo o mundo. Circuitos de palestras e debates deverão ser realizados paralelamente ao evento, envolvendo diretamente os cidadãos.

A proposta de criar o Fórum Social Mundial decorre das mobilizações ocorridas na Europa contra o Acordo Multilateral de Investimentos, AMI em 1998, das grandes manifestações de Seattle, durante o encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC) em novembro de 1999, e das realizadas recentemente em Washington contra as políticas do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial.

Essas mobilizações e muitas outras colocaram definitivamente em evidência a emergência de um movimento cívico além das fronteiras nacionais. Há décadas habituadas a tomar decisões que afetam a vida de centenas de milhões de pessoas, fora de qualquer controle democrático, as grandes instituições internacionais estão descobrindo que têm, a partir de agora, de prestar contas à opinião pública.

Da mesma forma, os governos precisam saber que essa vigilância será exercida com rigor cada vez maior sobre eles mesmos. Alguns dentre eles não poderão mais alegar que as medidas nefastas que têm infligido à população lhes foram “impostas” de cima, uma vez que, no interior mesmo dessas instituições, contribuíram para sua elaboração ou as aprovaram. Eles também devem prestar contas aos Parlamentos e a seus cidadãos das posições que tomam nesses encontros.

Milhares de sindicatos, associações, ONGs, entidades religiosas e outros movimentos populares, que travavam lutas em seu país, sua região, sua cidade ou em seu meio rural, supondo-as isoladas, tomaram consciência de que, juntos, constituíam um arquipélago planetário de resistência à globalização neoliberal. Passaram então a se conhecer, trocando regularmente informações, unindo-se em ações comuns ou convergentes, começando a concretizar a vocação que têm para se tornar um contra-poder planetário dos cidadãos.

Ao mesmo tempo em que crescem tais manifestações, tem havido em todo mundo esforços no sentido de buscar alternativas que coloquem o desenvolvimento humano e a democracia participativa como fatores prioritários de

governos e cidadãos. São sementes que germinam novas esperanças na construção de um mundo mais livre e com justiça social.

São essas tendências que fizeram nascer a proposta do Fórum Social Mundial. E ela representa um passo qualitativamente novo para a construção desse contra-poder planetário.

O Terceiro Mundo e os pobres e excluídos dos países desenvolvidos sofrem duramente os efeitos da política devastadora da globalização liberal e da ditadura dos mercados, conduzida sob a égide do FMI, do Banco Mundial, da OMC e dos governos que lhes são fiéis.

O Brasil é um dos grandes países vitimados por essa situação. Nele, como em muitos outros, cresce a resistência nas cidades e no campo, nas escolas, universidades e favelas a essa ordem mundial desumana. As organizações populares brasileiras já dispõem em vários Estados e em inúmeras municipalidades de sólidos pontos de apoio. Essa rica experiência de combates populares e alternativas de desenvolvimento também contribuiu para que surgisse a proposta de realização do Fórum Social Mundial no Brasil. Outros países, a exemplo do Brasil, vêm mostrando o mesmo empenho em agir a favor dos mais necessitados e no sentido de uma nova ordem mundial.

O Comitê Brasil de Organização do Fórum Social Mundial convida todas as redes internacionais de ONGs, de sindicatos, de associações e de grupos de cidadãos de todos os países que compartilham desses objetivos a se unirem a esta iniciativa, constituindo um Comitê Internacional do Fórum Social Mundial.

O Comitê Brasil de Organização do Fórum Social Mundial espera de todos os representantes dessas redes das Américas, África, Ásia e Europa, que assumam o compromisso de contribuir decisivamente para a realização desse evento. Conclama igualmente os portadores de mandatos eletivos comprometidos com as causas populares em todos os continentes a se encontrarem em Porto Alegre, em janeiro próximo. O potencial da intervenção popular em todo o mundo visa hoje uma democracia participativa que renove a representativa.

Local de exposição de teses, de debates abertos, de apresentação de experiências, de coordenação de futuros combates, o Fórum Social Mundial representará um marco rumo ao nascimento da cidadania planetária, enraizando-se nas lutas sociais locais, nacionais e internacionais.

Um outro mundo é possível. Vamos construí-lo juntos.

Campanha da Fraternidade

VIDA SIM, DROGAS NÃO!



CAMPAÑA DA FRATERNIDADE - 2001 **CAMPAÑA DA FRATERNIDADE - 2001**

Em Busca do Verdadeiro Sentido **Em Busca do Verdadeiro Sentido** *da Vida Ameaçada pelas Drogas* **da Vida Ameaçada pelas Drogas**

PE. ANTONIO DONIZETTI SGARBI

Convidado para escrever este artigo sobre a Campanha da Fraternidade 2001, nesta conceituada Revista dos Religiosos do Brasil — CONVERGÊNCIA —, acreditei que seria interessante desenvolver uma reflexão que nos ajudasse no estudo, na reflexão e na oração do Texto-base da Campanha. Em se tratando de uma Revista que tem um público específico fiz uma pequena reflexão sobre a Evangelização em geral, já que a Campanha da Fraternidade 2001 não é uma Campanha anti-drogas, mas sim uma campanha de Evangelização. A seguir redigi um pequeno texto sobre o desafiador mundo das drogas, o terreno no qual devem cair as sementes do Evangelho. Desenvolvi posteriormente algumas orientações para a leitura, o estudo e até mesmo a oração utilizando-me do Texto-base. Nesta última parte, vou trabalhar com as idéias do subsídio que foi preparado pelo Setor Juventude da CNBB e pela Equipe Executiva da CF no sentido de capacitar multiplicadores dos cursos sobre a CF 2001. Concluindo esta pequena contribuição, para o estudo e o trabalho na CF 2001, faço um apelo aos religiosos e religiosas no sentido de não ficarem indiferentes diante da desafiadora realidade que é o mundo das drogas.



EVANGELIZAÇÃO INCULTURADA, PASTORAL DE CONJUNTO E CF 2001

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em sua prática evangelizadora e pastoral, descrita no 15º Plano Bienal de atividades do Secretariado Nacional, escolheu para o período de 2000 e 2001 sete programas globais, “visando a atender as maiores urgências evangelizadoras no âmbito do Secretariado”. Os Programas globais são entendidos como um conjunto de atividades decorrentes das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, que, “por transcenderem os objetivos específicos de uma dimensão, de um setor ou de uma pastoral e incidirem em toda a ação evangelizadora, exigem a participação conjunta de todos os assessores e a colaboração de muitas outras pessoas e entidades” (15º PB, p. 29). Entre estes programas globais encontramos a própria implementação das Diretrizes Gerais, a implementação do Documento nº 62, Missão e Ministérios dos Cristãos Leigos e Leigas, a Campanha da Fraternidade etc.

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil (Doc. CNBB, nº 61) articulando as seis dimensões da pastoral com as quatro exigências intrínsecas da evangelização inculturada — serviço, diálogo, anúncio e testemunho da comunhão eclesial — são a base de toda a Pastoral de Conjunto do Brasil assim como a concebe a CNBB. A Evangelização nas Dioceses e Paróquias do Brasil, bem como dos Movimentos eclesiais

e Associações, respeitadas as realidades diversificadas e a variedade dos carismas, têm nas Diretrizes o ponto maior de unidade, pois o objetivo geral da Igreja no Brasil é um só (Cf. DGAE nº 61).

Este documento, fundado sobre a eclesiologia de comunhão do Vaticano II, serve de parâmetro, referencial para toda a ação Evangelizadora e Pastoral da Igreja no Brasil e ainda como categoria de análise das atividades em prol desta mesma evangelização e pastoral. É à luz deste documento que fazemos a leitura do trabalho evangelizador realizado nas comunidades, paróquias, dioceses, nas pastorais, nas associações e nos movimentos.

Diante disto é fácil entender que nenhuma ação evangelizadora realizada nas dioceses, paróquias, congregações religiosas, bem como pelos movimentos e associações, poderá ficar indiferente às diretrizes. Podemos também afirmar que não podem ficar indiferentes aos programas globais que envolvem o bom andamento da Pastoral de Conjunto no Brasil. Assim como, a princípio, não deveria haver uma Diocese que ignorasse a ação pastoral da Conferência Nacional dos Bispos, não deveria haver uma paróquia ou uma comunidade religiosa que ficasse de fora deste empreendimento evangelizador.

Espera-se, assim, que os religiosos e religiosas do Brasil, que exercem, direta ou indiretamente, atividades pas-

torais, abracem a causa da CF 2001, neste grande mutirão de Evangelização e que coloquem toda a sua experiência e

as estruturas de suas congregações a serviço daqueles que são ou que poderão vir a ser vítimas das drogas.

O DESAFIADOR MUNDO DAS DROGAS

Refletindo sobre o contexto social das drogas o Texto-base da Campanha da Fraternidade afirma: "A Igreja é consciente de que todo o trágico problema das drogas, que afeta profundamente as pessoas nelas envolvidas, suas famílias e grandes parcelas da sociedade, é agravado pelo contexto social, econômico, político e cultural, que gera esvaziamento do sentido da vida, desespero, fugas e busca ilusória do prazer (Cf. Tb 75).

A título de ilustração desta afirmação, relato dois alertas que nos são feitos. Lembro em primeiro lugar que a Organização Mundial da Saúde denunciou que estamos assistindo pacificamente a um verdadeiro genocídio, maior que o próprio holocausto ocorrido na Segunda Grande Guerra, causado pelo consumo da nicotina e do álcool em nossos dias.

O segundo relato, um pouco mais complexo, eu o ouvi numa palestra proferida pelo Prof. Regis de Moraes, da Unicamp, no Primeiro Seminário Nacional de Comunidades Terapêuticas, realizado em dezembro de 2000 em Araçari-guama — SP. O professor comentou que juristas e sociólogos franceses publicaram recentemente uma obra intitulada "Um mundo sem leis" onde defendem a tese de que a globalização tem aconteci-

do basicamente em três sistemas: meios de comunicação social, economia e crime organizado. Estes autores, ponderando a deterioração política e econômica no mundo globalizado criaram expressões como "economia criminal" e "produto criminal bruto". A economia do crime movimenta cerca de 800 bilhões de dólares, por ano, sendo que 400 bilhões ficam por conta da economia das drogas. Esta economia reforça a economia oficial, e vice-versa, pois o dinheiro da economia criminal é direcionado para os grandes paraísos fiscais (cinco segundo os autores) onde recebe um tratamento a que dão o nome de "branqueamento", nós estamos acostumados a designar como "lavagem" do dinheiro.

A sustentação desta organização criminal fica por conta de quase duas dezenas de máfias diferentes. A serviço das mesmas estão advogados, economistas, técnicos de diversas áreas. Dentre os seus negócios encontramos: tráfico humano, prostituição, tráfico de animais, falsificação de medicamentos, contrabando de armas, pirataria de produtos artísticos, falsificações de grifes etc.

É justamente neste contexto que devemos atuar, não é sem propósito que o Texto-base da CF 2001 afirma:

“à luz da fé se constata que a idolatria do dinheiro, que absolutiza a riqueza, o capital, a economia de mercado e consumo, constroem uma sociedade injusta, na qual os que têm dinheiro e bens se tornam senhores da vida e da morte dos que nada ou pouco têm, além de se tornarem, também, senhores da natureza. A injustiça social impele os mais

ricos e os mais fortes ao despojamento dos bens e dos direitos dos outros para deles se apropriarem” (Tb 76).

Se carregamos as tintas na questão sócio-político-econômica, isso não significa que esquecemos outros fatores que deixam ainda mais complexa esta realidade, como os fatores culturais, históricos, morais e psicológicos.

ORIENTAÇÕES PARA O ESTUDO DO TEXTO-BASE

Quem quer fazer um trabalho realmente sério na Campanha da Fraternidade deste ano deve em primeiro lugar ler e conhecer o Texto-base. A equipe executiva da Campanha da Fraternidade de 2001 adotou alguns princípios para o estudo do Texto-base, respeitando a metodologia do próprio texto. Vamos retomar estes princípios, pensando nos religiosos e religiosas que, mais que evangelizadores por vocação, são formadores de evangelizadores.

Quando iniciamos um estudo sobre a realidade dos dependentes químicos é preciso superar nossos preconceitos, reconhecer humildemente nossas limitações e abrir as nossas mãos para as pessoas, grupos e organizações que atuam de forma interventora e transformadora nesta realidade.

Nós utilizaremos, como foi dito anteriormente, as idéias que surgiram no 19º Seminário Nacional da Pastoral da Juventude do Brasil, realizado em São Paulo, de 4 a 8 de julho de 2000. Trabalhando estas idéias, o Setor Juventude

e a Equipe Executiva da CF 2001 redigiram e publicaram um subsídio intitulado “Treinamento para Multiplicadores da CF — 2001”.

Este subsídio para o treinamento de multiplicadores faz três advertências para quem quer atuar na campanha: Somos ignorantes sobre o assunto; somos vítimas e envolvidos diretos; somos responsáveis pelas mudanças ou manutenção dessa realidade.

a) Somos ignorantes sobre o assunto drogas

Qual é realmente a definição de droga? Qual a diferença entre droga “leve” e droga “pesada”? As drogas “lícitas” são menos prejudiciais que as drogas “ilícitas”? O que é droga “semi-lícita”. Drogas são só produtos químicos “que alteram o estado psíquico das pessoas”?

Estas e outras perguntas podem ser feitas. As respostas não são muito fáceis e devem ser buscadas ouvindo diversos pontos de vista como o técnico, o jurídico, o médico, o político, o poli-

cial etc. Diz o nosso “subsídio para capacitação de multiplicadores”: *“Primeiro é preciso ter a humildade de reconhecer que, geralmente, não temos conhecimentos suficientes para tratar a droga do ponto de vista técnico, médico ou político. É preciso ver, também, que essa não é nossa tarefa, numa Campanha da Fraternidade. Enquanto Igreja, nosso olhar para esta realidade será motivado pela fé em Jesus Cristo, com uma atitude de misericórdia em relação às vítimas das drogas, e numa perspectiva evangelizadora: queremos anunciar a boa-nova para todas as vítimas das drogas, sejam usuários, dependentes, familiares ou a sociedade em geral, que padece por conta da violência decorrente do narcotráfico”.*

b) Somos vítimas e envolvidos diretos pela realidade das drogas

Todos somos afetados pela problemática em questão. Os pais se preocupam com os filhos, todos temos medo da violência. Vivemos numa sociedade de consumo e facilmente nos tornamos consumistas. Estes e outros pontos nos envolvem todos os dias. O problema das drogas não é algo exterior a nós mesmos.

Diz o subsídio:... *“a Igreja nos convida a refletir e atuar sobre essa problemática. Qualquer que seja o público alvo*

da nossa ação pastoral, sejam crianças, adolescentes, jovens, famílias, com todos é necessário refletir sobre as drogas, seja para firmar valores que diminuam os riscos da exposição às drogas e da dependência ou para orientar no sentido de lidar com pessoas das nossas relações que já são vítimas dessa doença.”

c) Somos co-responsáveis pela mudança ou manutenção dessa realidade

Já vimos anteriormente que existe um esquema muito bem montado no mundo para manter o crime organizado. Sem uma ação conjunta e bem articulada dificilmente poderemos mudar a realidade do mundo das drogas. Se cada um fizer a sua parte poderemos intervir na realidade antes que se perca o controle definitivamente, nesta questão.

Podemos construir uma nova forma de vida e sociedade a partir de nós mesmos. Quando somos capazes de assistir menos televisão, tomar menos bebida alcoólica, parar de fumar... ou seja deixar de lado qualquer hábito que acaba nos controlando, pois isso denuncia que existe em nós uma conduta viciada, que atrapalha a nossa verdadeira qualidade de vida.

VER O MUNDO DAS DROGAS

Antes de iniciar o estudo do primeiro capítulo do Texto-base da Campanha — o “Ver” — a equipe executiva nos chama a atenção para dois pontos:

1. *Analisar, antes, os óculos sociais que condicionam o nosso olhar.* Não se olha uma realidade social com o olhar neutro, “porque já captamos os fatos

através de uma espécie de rede que nos condiciona a valorizar certos aspectos e desprezar outros". Izidoro Blinkstein chama esta realidade de "óculos sociais".

O "Subsídio de Capacitação de Multiplicadores" neste aspecto nos orienta: *"Ainda que não tenhamos muito conhecimento sobre a realidade das drogas, dentro de nós já estão bem fincados certos conceitos de "certo" e "errado" a respeito deste assunto. Esses juízos prévios (pré-conceitos) inviabilizam qualquer análise que pretendamos fazer sobre o problema da dependência química. Se queremos compreender essa realidade, é preciso tomar consciência dos nossos "óculos" condicionantes e ter a disposição de retirá-los."*

Essa deve ser a postura daqueles que querem estudar o Texto-base; sem a mesma poderemos apenas reforçar os pontos de vista que já estão cristaliza-

dos dentro de nós. É preciso deixar-nos interpelar pela realidade dos que foram vítimas das drogas e estarmos abertos à conversão.

2. *Ver a realidade com ajuda da sociologia, mas com atitude amorosa.* Uma leitura atenta do Texto-base da Campanha da Fraternidade, em seu primeiro capítulo — o Ver —, vamos notar que ele não está carregado de estatísticas, gráficos, índices, interpretações vindas do ambiente científico. Não que ele não valorize estes estudos pois o conhecimento da realidade não pode prescindir da ciência, mas porque o texto quis mostrar que, "por trás dos números, existem seres humanos com histórias, relações, sentimentos, limitações, valores e profundos dramas existenciais". O convite que o texto nos faz é o de olhar as pessoas que estão por trás das estatísticas com a misericórdia de Deus.

JULGAR ESSA REALIDADE À LUZ DA FÉ

O segundo capítulo do nosso Texto-base — o "Julgar" — tem seu início com uma longa introdução onde é feita uma ponte entre o ver e o julgar. Retoma primeiramente a trágica realidade das drogas mostrando que à luz da Palavra de Deus esta realidade tem um nome: idolatria. Em seguida o texto faz um belo *kerigma*, primeiro anúncio evangelizador, adaptado à desafiadora realidade das drogas. Mais do que uma reflexão intelectual este texto deve ser rezado, re-

fletido, anunciado, uma vez que ele está a serviço do resgate do sentido da vida, pois como sabemos, o maior problema dos dependentes de drogas não é a droga, mas a falta de sentido da vida.

Neste aspecto a orientação do subsídio para capacitação de multiplicadores é que não é suficiente *"dizer que precisamos 'recuperar o sentido da vida': é necessário dizer qual é o sentido da vida, na ótica de quem acredita e se compromete com o seguimento de Jesus*

Cristo. Pode ser que o nosso interlocutor não conheça outro sentido da vida que não seja o dado pela sociedade de consumo e pelas drogas. Portanto, precisamos ser explícitos nos nossos recados”.

A relação dos tópicos principais do “Julgar” nos dão uma idéia do conteúdo básico deste texto tão leve, simpático e destemido frente a desafiadora realidade das drogas:

1. A ideologia neoliberal que atenta contra a dignidade da pessoa e do povo e descuida dos mais frágeis na sociedade.
2. O trágico problema das drogas é agravado por um contexto social, econômico, político e cultural, que gera esvaziamento do sentido da vida, desespero, fugas e busca ilusória do prazer.
3. É necessário tratar a vítima, mas é fundamental também atingir causas que conformam uma gigantesca trama da grande indústria da droga.
4. Quanto mais frágil e necessitada é a pessoa, maior é o desvelo do Senhor.
5. Cada ser humano abandonado é um sinal de pouco apreço pela inviolável sacralidade da vida humana.
6. A educação para a compreensão dos limites como força que potencializa e dirige o nosso agir é importante para cada um poder desenvolver melhor seus dons pessoais e alcançar objetivos que valham a pena.
7. Jesus não faz nenhum tipo de má-gica para os problemas desaparecerem, mas tem uma paz profunda a oferecer. Com essa pacificação de coração baseada na confiança em Deus, podemos mais e enfrentamos melhor os tropeços.

8. A vida é um bem tão precioso que a grande promessa de Jesus é que ela será eterna, porque o nosso Deus é o Deus da Vida.

9. Vida com sentido é uma excelente prevenção contra todo tipo de vício, tanto as drogas como as outras formas destrutivas de enfrentar os problemas diários.

10. A Igreja se põe a serviço da vida e da esperança.

Um outro alerta que nos é feito para a reflexão e a oração utilizando o texto do “julgar” é que devemos evitar o messianismo. Diz o subsídio: *“É bastante comum nas nossas comunidades se fazer uma atualização de textos bíblicos que destacam a misericórdia de Deus trazendo para nós a missão de ser “pastor”, “semeador”, “pai misericordioso”. Essa interpretação é legítima porque somos, de fato, seguidores e enviados, discípulos e apóstolos do Senhor. Por outro lado, elas trazem o perigo da soberba e do messianismo: arrogar para nós, atribuições do Senhor. Não precisamos representar nem substituir Jesus Cristo porque acreditamos que “Ele está no meio de nós”. Ou não acreditamos nisso?*

Talvez a hermenêutica primeira a ser feita seja a de assumir o lugar da “ovelha”, da “terra” e do “filho esbanjador”. O que nos compete, em primeiro lugar, é aumentar a nossa capacidade de acolher o amor misericordioso de Deus, oferecido gratuitamente para nós, a despeito das nossas faltas e limitações.

Não são apenas os outros que são “ovelhas perdidas”, “terra com espinhos e pedras”, “filhos pródigos”. To-

dos somos pecadores e, aí de nós!, se recebêssemos apenas o que fizemos por merecer...

Só o Pai é "bom", só o Filho é "pastor". Nós somos ovelhas do mesmo reba-

nho. O amor que dedicarmos aos nossos irmãos, nossos iguais, não procede de nós, mas vem do Pai, portanto estamos apenas compartilhando de graça, o que de graça recebemos."

AGIR DE MODO TRANSFORMADOR

O texto do "Agir" começa com uma grande introdução na qual são relembrados os princípios básicos da ação de uma pastoral social. É bom lembrar que não se trata de uma ação direcionada aos outros, pois antes de perguntar o que vamos fazer para as "vítimas das drogas", referindo-se aos outros, vamos nos perguntar como cada um de nós vai viver o espírito da Quaresma.

Cada um, cada pessoa cristã é chamada à conversão. Cada um deve se perguntar: Qual é o meu relacionamento com as drogas? Qual minha participação na ação evangelizadora da Igreja nesta realidade? Como me posiciono socialmente diante das pessoas e grupos, vítimas das drogas? Como intervenho politicamente pela transformação dessa realidade?

Depois da longa introdução, o "Agir" indica algumas ações que podem ser desenvolvidas no campo das "políticas públicas de controle". Se a realidade é tão desafiadora não é possível transformá-la sem uma atuação no campo político, seja no âmbito municipal, estadual, nacional e internacional. Relacionando o que já se faz, o texto dá dicas para mostrar que mais coisas podem ser fei-

tas. Mostra que existem ações muito viáveis neste campo para as pessoas de nossas comunidades. Sugere ações como a criação, no âmbito do Congresso Nacional, de um órgão para o acompanhamento do problema do narcotráfico no Brasil. Algo que seja permanente, uma vez que a CPI do narcotráfico encerrou suas atividades no final do ano passado.

Outro ponto desenvolvido no "Agir" é a prevenção ao uso indevido de drogas. Aqui são relacionadas uma série de atividades e parcerias que podemos fazer para trabalhar a questão da prevenção. Quando se estuda o Texto-base outro alerta que se faz é este: prevenir contra o quê, exatamente?

Lembra o texto da capacitação de multiplicadores: *"Prevenir, segundo dicionários, é 'dispor com antecipação, ou de sorte que evite dano ou mal'. No caso das drogas, quando se fala em prevenção, geralmente, se está falando de desenvolver princípios éticos na educação das pessoas, garantir-lhes acesso à educação, esporte, lazer saudável... vida digna, enfim. Ora, lutamos por vida digna para todos como um direito de toda pessoa humana ou como simples estratégia para evitar que ela venha a usar drogas?"*

Nesse sentido, parece-nos que o termo 'prevenção' aqui é empregado de maneira inadequada. A luta pela dignidade humana não é uma mera profilaxia. As pessoas têm direito a uma vida com alegria, prazer, saúde, alimento, trabalho, moradia etc.

(...)Lutamos para que as pessoas tenham acesso ao lazer, espaço para potencializar suas habilidades, desfrutar o conhecimento e a beleza... não como uma estratégia para desviá-las das drogas, mas porque estamos convictos de que esse é o projeto de Deus para a pessoa humana".

A outra série de ações que podem ser desenvolvidas é em relação à "intervenção de ajuda". Trata-se de ações com pessoas que já experimentaram a droga, estão muitas vezes a caminho da dependência, ou já são dependentes. Trata-se também de ações com os co-dependentes, especialmente os familiares dos dependentes químicos que se tornam também vítimas da dependência. São aqui valorizados todos os trabalhos dos "grupos de apoio" que já atuam, há anos, em nossas comunidades. Trata-se dos Alcoólicos Anônimos, Narcóticos Anônimos, Amor Exigente etc.

O Texto-base relaciona, a seguir, uma série de atividades direcionadas ao "tratamento e a reinserção dos dependentes de drogas na sociedade". Aqui é valorizado o papel das Comunidades Terapêuticas que se multiplicam em todo o Brasil, mas sem a ajuda das comunidades eclesiais e da sociedade em geral, pouco podem fazer já que o desafio que um dependente de drogas en-

frenta depois do tratamento e a sua reinserção dependem muito de como ele é acolhido. Se a comunidade não toma consciência das dificuldades que um dependente enfrenta como a síndrome de abstinência e a discriminação, ela pode, mesmo sem perceber, estragar todo trabalho feito anteriormente.

O texto deixa um espaço também para refletir sobre o papel das famílias, das escolas e das Igrejas no desenvolvimento integral das pessoas. Desenvolvimento que deve ajudar as pessoas a serem mais felizes e realizadas, tornando-se assim muito mais resistentes ao ataque das drogas.

Para os que estudam o Texto-base outro alerta é feito com relação ao termo amplamente utilizado, não só no Texto-base mas das discussões sobre drogas em geral. É o termo "recuperar". Pode-se perguntar: recuperar a pessoa para que tipo de projeto?

O curso de capacitação de multiplicadores faz a seguinte reflexão: *"O cuidado das pessoas que são dependentes de qualquer tipo de droga não pode ser feito com uma visão ingênua do mundo em que estamos inseridos. O trabalho de quem está nessa pastoral não estará "concluído" quando a pessoa se desintoxicar e for devolvida para a "normalidade" da nossa sociedade. É preciso enxergar que o modelo sócio-político em que estamos inseridos é, por natureza, excludente e desumano."*

Quando usamos o termo "recuperar", muitas vezes, veiculamos a idéia de que o mundo está certo e que a pessoa é que está desajustada e que, portanto, precisa

ser curada e voltar a se enquadrar na engrenagem social em funcionamento.

Na verdade, isso não corresponde à realidade. O sistema em que vivemos não é nada perfeito e, aliás, ele mesmo é que é o maior gerador das pressões que levam as pessoas à dependência química. Isso significa que a pessoa ou pastoral que atua diretamente com pessoas que já estão num grau de dependência química precisam enfrentar, simultaneamente, vários desafios:

a) Romper com a dependência, que supe habilidades profissionais.

b) Promover a pessoa, ajudando-a a reintegrar-se no convívio social (família, trabalho etc.).

c) *Participar da luta por políticas públicas anti-drogas.*"

O "Agir" do Texto-base é concluído com duas explicações uma sobre a Pastoral da Sobriedade, que é uma pastoral específica para o trabalho com dependentes químicos e uma reflexão sobre a Campanha da Solidariedade que é uma coleta nacional que deverá ser destinada aos trabalhos a serem desenvolvidos com a prevenção, intervenção, recuperação e reinserção dos dependentes de drogas.

A VIDA RELIGIOSA E A CF 2001

O Papa João Paulo II fez uma convocação para toda a Igreja para engajar-se na luta por um mundo livre, também do vício das drogas, dizendo: *O flagelo das drogas não seria, em essência, o mal a ser combatido ou, pelo menos, o único a se combatido. Ele seria muito mais o efeito de outro mal, maior e mais grave: a perda do sentido da vida. Daí a ênfase na recuperação e prática dos valores básicos da virtude cristã e a denúncia dos comportamentos e atitudes contrárias à preservação da vida, à solidariedade e amor ao próximo, justiça etc... É necessário denunciar com coragem e com força o hedonismo, o materialismo e aquele estilo de vida que facilmente induzem à droga (EA, n. 60-61).*

Os religiosos e as religiosas com o estilo de vida que foram chamados a viver e que escolheram, não deixam de anunciar o verdadeiro sentido da vida constantemente. Com seu voto de pobreza está anunciando uma vida simples, austera... mostrando que o sentido da vida não está nos bens materiais, mas que os bens estão a serviço. Denunciam, com a escolha da pobreza, que a ganância o espírito de acumulação de bens, leva as pessoas a se escravizarem e a fazerem dos bens materiais a finalidade própria da vida.

A Vida Religiosa, com a obediência à vontade de Deus, revela um novo sentido do poder temporal. Anuncia que a autoridade que se coloca a serviço promove o

outro e ajuda-o a descobrir o desígnio de Deus a seu respeito. Denuncia que o poder perde o sentido quando é para dominar, quando é desejo de estar acima dos outros. Que ele escraviza quando manipula pessoas e coisas no sentido de fazer a sua própria vontade.

Os religiosos e religiosas com sua castidade mostram que é possível viver uma vida prazerosa, o que é vontade de Deus, sem cair na tentação da busca egoísta da felicidade, sem levar em conta a felicidade dos outros. Denunciam que não se pode encontrar o verdadeiro sentido da vida submetendo-se ao domínio do gozo ou do prazer momentâneo e inconsequente, que é uma das características das drogas.

Os religiosos e as religiosas, com sua vida e seus trabalhos em prol da evangelização e da pastoral mostram que estão respondendo aos maiores desafios que aparecem na nossa realidade social. Certamente a mística e a atuação da Vida Religiosa são respostas aos apelos de Deus feitos mediante a realidade sofrida do nosso povo. Porém, nota-se uma acentuada ausência de Congregações e Institutos de Vida Consagrada nos encontros que discutem a realidade das drogas.

O trabalho existente neste campo está ligado ao carisma pessoal desta ou daquela pessoa, membro de uma comunidade religiosa, um bispo, um sacerdote, um leigo ou uma leiga que começaram a trabalhar quase sempre com muito idealismo, sem muito apoio das comunidades eclesiais, quase sempre com pouco ou nenhum recurso material.

Em alguns casos o apoio de uma Diocese ou de uma congregação está sendo decisivo para que a obra possa continuar. Acredito que é importante acompanhar estes grupos e assumi-los como trabalho que é missão de toda comunidade eclesial, mesmo sabendo das dificuldades que isto representa no momento atual.

Algumas congregações, sobretudo aquelas que trabalham em colégios, estão buscando conhecer as propostas da CF 2001, pois sentem "na pele" o desafio das drogas. Esta preocupação porém, não é de hoje, pois a realidade vem exigindo uma resposta desde há muito tempo.

Quem sabe com a Campanha da Fraternidade deste ano, a primeira do milênio, não surja um esforço conjunto na luta contra este grave problema social. Não tenho dúvidas que muito pouco é feito perto do grande desafio que envolve a todos nós.

BIBLIOGRAFIA

- CNBB, Texto-base da CF 2001. *Vida Sim, drogas não!* São Paulo, Salesianas, 2000.
CNBB, *Capacitação de multiplicadores da CF 2001*. São Paulo, Salesianas, 2000.
BLIKSTEIN, Izidoro. *Kasper Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1983.

Diálogo – Revista de Ensino Religioso. *Droga. Educação Preventiva*. Ed. Paulinas, outubro de 2000, n. 20, ano V.

Papa João Paulo II, *Ecclesia in America* (EA), Cidade do Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1999.

Secretaria Nacional Antidrogas. *Relatório do Primeiro Fórum Nacional Antidrogas*, SENAD/Presidência da República, 1998.

SGARBI, Antonio Donizetti. CF 2001 – Campanha de Evangelização a favor da vida. In *Revista Vida Pastoral*, março-abril de 2001.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Você e sua comunidade procuram manter-se informados sobre a complexa questão das drogas e suas consequências?
2. Vocês já assumiram algum tipo de compromisso como resposta a esse desafio?
3. Que gestos concretos de participação na CF 2001 vocês estão dispostos a fazer?



Pe. Antonio Donizetti Sgarbi

Ex-Secretário Executivo da Campanha da Fraternidade. Doutorando em História de Filosofia da Educação – PUC-SP.

Rua Gonçalves Dias, 372 – Jd. Amália

CEP 12.280-000 – Caçapava – SP

Tel. (12) 253 1051

e-mail: sgarbi@ig.com.br

Solidariedade e **Solidariedade e** *a Condição Humana* **a Condição Humana**

JUNG MO SUNG

1. DE NOVO?!

Eu quero retomar, neste artigo, um tema que, de um modo ou outro, tem estado sempre presente nos meus textos (como também nos de vários/as outros/as autores/as): o problema da exclusão social e a insensibilidade de uma parcela significativa da sociedade frente a isso. De novo?! Confesso que de vez em quando me dá vontade de mudar de assunto, e começar a estudar outros temas. Aliás, tenho colegas teólogos/as que já me sugeriam que deveria estudar temas mais novos e “quentes” como gênero, ecologia, pós-modernidade, experiências religiosas ou o crescimento das igrejas e movimentos pentecostais ou carismáticos. Afinal, me dizem, a Teologia da Libertação já discutiu o problema da pobreza por mais de 30 anos. E quando estudo um pouco mais sobre esses temas sugeridos, de novo eu percebo as conexões com a exclusão social e acabo voltando, mais enriquecido, ao meu velho tema.

Penso que o que atrai tantas pessoas à questão da exclusão social não é o tema em si, mas experiências que carregamos dentro de nós, que marcaram a nossa memória autobiográfica: encontro com a pessoa de pobre e o sentimento de indignação que nasceu dentro de nós por ver um ser humano reduzido a uma condição de vida infra-humana. Na minha experiência pessoal foi o olhar das crianças pobres com quem nós, de um grupo de jovens, encontrávamos aos domingos pela manhã para algumas atividades recreativas, educativas e religiosas.

Quem já foi tocado por um olhar de uma pessoa pobre e deixou que este olhar penetrasse no fundo do seu ser sabe que não saímos “ílesos” desta experiência. É uma experiência que nos modifica profundamente, tanto que muitos interpretam esta experiência como uma experiência de Deus, uma experiência de ter conhecido no rosto do/a pobre o rosto de Cristo. Isto também vale para pessoas pobres.

Quando elas também são tocadas por outras pessoas pobres, sentem que algo mudou dentro de si. No fundo, acho que era isso que os "fundadores" da Teologia da Libertação queriam dizer quando insistiram que a TL nasceu de uma experiência espiritual.

Neste artigo quero tratar o problema da insensibilidade social frente à exclusão por um ponto de vista mais antropológico. Por que nós seres humanos temos tanta dificuldade em sermos solidários com as vítimas das exclusões sociais?

2. A COMPAIXÃO E A INDIFERENÇA

Não quero discutir aqui se o conceito de "exclusão social" é ou não apropriado para entender o que está ocorrendo hoje, mas ninguém pode negar que as repetidas estatísticas que mostram que há no mundo mais de um bilhão e trezentos milhões de pessoas vivendo com menos de um dólar ao dia, enquanto aumenta assustadoramente o número de bilionários (inclusive no Brasil), deveriam chocar a todos. Entretanto, parece que estes dados não chocam como deveriam. Por quê? Alguém poderia responder dizendo que são apenas números e números não chocam.

Mas não são só números. Hoje ninguém pode evitar o contato, real ou "virtual", com os/as chamados/as excluídos/as. Seja porque não se pode parar em cruzamento nas grandes cidades sem ser abordado por alguém pedindo ou vendendo algo, ou porque os muros altos dos condomínios fechados revelam a presença invisível dos/as excluídos/as, e também porque as TVs mostram, por exemplo, cenas de crianças passando fome. Os/as chamados/as excluídos/as são uma presença constante nas nossas sociedades, de forma visível ou invisível.

A insensibilidade social frente ao fenômeno da massiva exclusão social não se dá, portanto, como resultado da falta de contato ou da ignorância do problema. Será porque há pessoas que são por natureza insensíveis? Isto é, há pessoas que por natureza são incapazes de sentir a dor e o sofrimento de outras pessoas (ter compaixão)? Esta é uma pergunta que vai na direção oposta a um certo otimismo antropológico que esteve ou ainda está presente em muitos grupos e pessoas que lutam pela justiça social e por uma nova sociedade. Segundo essas visões otimistas, pessoas "conscientes" tenderiam naturalmente à solidariedade e à busca de bem comum. Isto é, pessoas "conscientes" não tenderiam a buscar seus interesses pessoais acima dos interesses dos grupos e, após a criação de uma nova sociedade, todas as pessoas tenderiam "naturalmente" à solidariedade e à busca do bem comum. Portanto, não haveria a necessidade de se pensar em criar mecanismos de controle e de coerção sobre pessoas, lideranças e instituições da nova sociedade. Seria uma sociedade realmente livre.

Este otimismo antropológico não dá conta do que está acontecendo em termos de insensibilidade social. Muito menos da insensibilidade que também encontramos em muitos ambientes religiosos. Infelizmente, em muitas comunidades religiosas (no sentido lato da palavra) podemos encontrar insensibilidade frente ao sofrimento dos/as excluídos/as por trás das belas palavras religiosas. Uma insensibilidade que aparece, por exemplo, na definição das prioridades que excluem o problema da exclusão social. O grave problema é que os sofrimentos e a vida dos/as excluídos/as foram excluídos até mesmo da lista de prioridades “reais”, (isto é a lista que realmente norteia ações e investimentos em tempo, dinheiro e pessoal, e não a que somente serve para efeitos de retórica ou de “propaganda”) de muitos planos pastorais, de missões ou de políticas governamentais.

Há pessoas que por “natureza” são insensíveis aos sofrimentos de outras pessoas? Ou todas as pessoas são tocadas de um modo ou outro por estes sofrimentos e o que varia é o modo como respondem a este “ser tocado”?

Este é uma tema “quente” hoje, principalmente no campo da biologia e de outras ciências que compõem o que hoje é chamado de “ciências da vida”. Andei “passeando” em algumas destas áreas em busca de uma resposta satisfatória, pois penso que certeza mesmo está além

da nossa capacidade humana. E num desses “passeios” despreziosos encontrei uma resposta que me impressionou pela simplicidade, clareza e poder de explicação. O interessante é que eu estava buscando respostas para umas outras perguntas quando eu me deparei com esta idéia apresentada pelo atual Dalai Lama:

Quando falo de sentimentos humanos básicos, não estou pensando somente em alguma coisa efêmera e vaga. Refiro-me à capacidade de empatia recíproca que todos possuímos e que, em tibetano, chamamos de *shen dug ngal wa la mi sô pa*. Traduzida literalmente, a expressão significa ‘a incapacidade de suportar a visão do sofrimento do outro’. Admitindo-se que é isso que nos permite compreender e, até certo ponto, participar da dor dos outros, podemos afirmar que essa é uma das nossas características mais significativas. É o que provoca o sobressalto quando ouvimos um grito de socorro, é o que nos faz recuar instintivamente ao ver alguém ser maltratado, o que nos faz sofrer ao presenciar o sofrimento dos outros. E o que nos faz fechar os olhos quando queremos ignorar a desgraça alheia.¹

Quando uma pessoa desvia o olhar para não ver o sofrimento alheio ou responde de modo agressivo a uma criança

1- DALAI LAMA. *Uma ética para o novo milênio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000, p.76. Curiosamente eu li esta passagem no mesmo dia em que li, com sobressaltos, o documento assinado pelo Cardeal Ratzinger, *Dominus Iesus*.

pobre que pede um trocado, ela não está sendo indiferente. Se fosse realmente indiferente ou insensível, esta pessoa não reagiria fechando ou desviando o olhar, muito menos sendo agressiva. Estas reações imediatas, na maioria das vezes inconscientes e/ou não planejadas, mostram que ela foi tocada. A dor da outra pessoa a incomoda e ela é incapaz de suportar a visão do sofrimento alheio. Reage. Só que reage com uma aparente indiferença ou com agressividade, como uma forma de se defender do “incômodo”, da dor sentida ao ver o sofrimento alheio. É a compaixão. Para Dalai Lama, esta compaixão ou empatia é natural no ser humano. (É claro que em pessoas com sérias lesões no cérebro que comprometem as suas emoções pode ocorrer realmente uma total indiferença frente à dor alheia. Mesmo nesses casos o que temos são exceções — tratadas como doenças — que parecem comprovar a validade da regra. Podemos dizer o mesmo para as pessoas que sentem “prazer” com a visão do sofrimento alheio. Só que neste caso não há insensibilidade em relação à dor alheia.)

Eu não sei se é possível falar de uma “natureza humana”, mas a reação imediata até mesmo dos mais “indiferentes” nos mostra que todos nós somos tocados pelo sofrimento alheio. A diferença está em como nós percebemos, interpretamos e respondemos ou reagimos a esta emoção básica de ser

tocado pela dor alheia. Há pessoas que sentem impelidas a ações solidárias; outras se fecham. Este fechar os olhos ou o sobressalto é uma reação “pré-consciente” à emoção provocada pela visão do sofrimento, por exemplo, de uma criança. Para entendermos um pouco melhor este processo, vejamos rapidamente algumas idéias sobre a emoção.

Segundo Antônio Damásio, há um núcleo biológico comum que fundamenta todos os tipos de emoções (primários, secundários e de fundo). Emoções são conjuntos complexos de reações químicas e neurais que estão ligadas à vida de um organismo e o seu papel é auxiliar o organismo a conservar a vida. “Mesmo sendo verdade que o aprendizado e a cultura alteram a expressão das emoções e lhes conferem novos significados, as emoções são processos determinados biologicamente, e dependem de mecanismos cerebrais estabelecidos de modo inato, assentados em uma longa história evolutiva.”²

Há uma diferença entre emoção e sentir a emoção. “Só sabemos que sentimos uma emoção quando percebemos que essa emoção é sentida como algo que está acontecendo em nosso organismo.”³ O sentimento alerta o organismo para o problema que a emoção já começou, de uma certa forma, a resolver. “O simples processo de sentir começa a dar ao organismo o *incentivo* para prestar atenção aos resultados da emoção (o sofrimento começa com sentimentos, embora seja

2. DAMÁSIO, Antonio. *O mistério da consciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 75.

3. Idem, *ibidem*, p. 353.

intensificado pelo conhecimento, e isso também vale para a alegria). A disponibilidade de sentimento também é um trampolim para o desenvolvimento seguinte — o *sentimento de saber que temos sentimentos*. Esse conhecimento, por sua vez, é um trampolim para o processo de planejar reações específicas”.⁴

Para o assunto que estamos tratando aqui, é fundamental termos em conta que “as emoções são inseparáveis de nossa idéia de recompensa ou punição, prazer ou dor, aproximação ou afastamento, vantagem ou desvantagem pessoal. Inevitavelmente, as emoções são inseparáveis das idéias de bem e de mal.”⁵ Isto é, a concepção ética e/ou religiosa da pessoa tem uma papel importante no modo como ela vai interpretar a emoção provocada pela visão do sofrimento alheio.

Há na sociedade uma diversidade grande de cosmovisões, doutrinas religiosas ou éticas que justificam a indiferença. As pessoas com dificuldade em conviver com sentimento de compaixão têm à sua disposição mais diversos tipos de doutrinas ou explicações pseudo-científicas para justificar a seleção e/ou bloqueio das emoções, particularmente daquelas que mais provocam o incômodo, como o da empatia com os/as excluídos/as. Algumas pessoas até dizem que é mais racional não se deixar levar pelas emoções e sentimentos quando tratamos de assuntos tão complexos e difíceis como o da exclusão social. São pessoas que geralmente defendem

posições contrárias das que nascem da compaixão e do desejo de solidariedade. A razão ou a racionalidade (em geral econômica ou teológica) são utilizadas para justificar o bloqueio da emoção que nos mostra a nossa incapacidade de ver sem reagir ao sofrimento alheio.

“O pobre merece a sua pobreza, como o rico/competente merece a sua riqueza”; “Deus sabe o que faz”; “está pagando os pecados da encarnação passada”; “não há salvação da alma sem sacrifícios ou sem carregar as cruzes que Deus nos dá”; “problemas econômicos não fazem parte da nossa missão religiosa”; “estes problemas são tão difíceis... e eu/nós tenho/temos tantas outras coisas importantes a fazer...”; “Deus saberá dar um jeito nesses problemas...”. Estes são alguns dos inúmeras explicações que encontramos na nossa sociedade que servem para justificar o desviar os olhos do sofrimentos dos/as excluídos.

Geralmente estas explicações tem um caráter a priori e abstrato, no sentido de que oferecem uma explicação global à história e à vida das pessoas sem levar em consideração a vida concreta das pessoas. Os sofrimentos e alegrias das pessoas concretas que não cabem nestes sistemas de pensamento são simplesmente negados e deixados de lado. (Já há uma boa literatura sobre estas explicações “metafísicas” no campo da economia, em especial do neoliberalismo e por isso não vou adentrar neste tema

4. Idem, *ibidem*, p. 360.

5. Idem, *ibidem*, p. 80.

aqui.⁶⁾ Racionalidade sem emoção foi e continua sendo objetivo de muitos teóricos, mesmo dentro das Igrejas cristãs entre aqueles que se consideram guardiões da verdade.

Contudo, estudos da relação entre cérebro e mente mostram que “que uma redução seletiva da emoção é no mínimo tão prejudicial para a racionalidade quanto a emoção excessiva. Certamente não é verdade que a razão opere vantajosamente sem a influência da emoção. Pelo contrário, é provável que a emoção auxilie o raciocínio, em especial quando se trata de questões pessoais e sociais que envolvem risco e conflito. [...] É óbvio que comoções emocionais podem levar a decisões irracionais. As lesões neurológicas sugerem simplesmente que a ausência seletiva de emoção é um problema. Emoções bem direcionadas e bem situadas parecem constituir um sistema de apoio sem o qual o edifício da razão não pode operar a contento.”⁷

Esta tese vale para todas áreas e tipos de conhecimento, mas especialmente para o campo religioso. Toda experiência religiosa comporta algo que não é redutível à razão. É o que os especialistas chamam de sagrado ou a dimensão mística, que nos remete ao mistério. Mistério não entendido como algo ainda não desvendado pela razão e que, portanto, pode ser conhecido no futuro, mas algo que é intrinsecamente irreduzível à razão. Não estou trazendo este

ponto para defender uma visão “mística” e irracional da religião, mas para assegurar o caráter limitado da razão humana frente à realidade humana e, em especial, frente à experiência religiosa.

Para o cristianismo, em particular, este é um assunto fundamental. Cristianismo não é uma religião de mistério, isto é, uma religião de sabedorias “misteriosas”, em geral irracionais, que só alguns iniciados ou pessoas escolhidas poderiam entender. Pelo contrário, como diz o evangelho de João: “Já não vos chamo escravos, porque o escravo não sabe o que faz o seu senhor. Eu vos chamo amigos porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai” (Jo 15,15). (E “amigos” aqui não significa, naturalmente, um pequeno grupo da hierarquia da Igreja Católica.) Em outras palavras, o cristianismo oferece sabedorias que são razoáveis, isto é, compreensíveis às pessoas e que se mostram razoáveis, no sentido de que pessoas de bom senso podem reconhecer a validade e a bondade das suas propostas. Quando a Primeira Carta de Pedro pede que estejamos “sempre prontos para dar razão da vossa (nossa) esperança”, “com mansidão e respeito” (1Pd 3,15), com certeza não está se referindo a uma razão sem emoção. Pois, uma razão sem emoção não é também capaz de entender o que significa dizer que Deus é amor e que é no amor que conhecemos a Deus. Amor, como todos nós sabemos, vai muito além da mera racionalidade.

- 6- Para quem se interessar, vide por ex., Hugo Assmann & F. Hinkelammert, *A idolatria do mercado*. Petrópolis: Vozes, 1989; H. Assmann, *A crítica à lógica da exclusão*. São Paulo: Paulus, 1994; J.M. Sung, *Desejo, mercado e religião*. Petrópolis: Vozes, 1998.
7. DAMÁSIO, A. *op. cit.* p. 63. Vide também, do mesmo autor, *O erro de Descartes*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

3. O MEDO DA NOSSA CONDIÇÃO HUMANA E O AMOR

O que faz as pessoas buscarem explicações “metafísicas” (insisto, religiosas ou não) para justificarem a sua aparente indiferença ao sofrimento alheio ou a sua agressividade frente aos que sofrem e aos que tentam ser solidários com estes? A divulgação e o sucesso destas justificativas não seriam tão grandes se as pessoas não rejeitassem tanto o sentimento de compaixão, este sentir o sofrimento do/a outro/a, que está presente em nós. Em outras palavras, por que as pessoas fogem do sentimento da compaixão?

Christophe Dejours nos oferece uma boa pista.

Perceber o sofrimento alheio provoca uma experiência sensível e uma emoção a partir das quais se associam pensamentos cujo conteúdo depende da história particular do sujeito que percebe: culpa, agressividade, prazer, etc. A estabilização mnésica da percepção necessária ao exercício do julgamento [...] depende da reação defensiva do sujeito diante de sua emoção: rejeição, negação ou recalque. No caso de negação ou rejeição, o sujeito não memoriza a percepção do sofrimento alheio — perde a consciência dele. [...] Afetivamente, ele pode então assumir uma postura de indisponibilidade e de *intolerância* para com a emoção que nele provoca a percepção do sofri-

mento alheio. Assim, a *intolerância afetiva para com a própria emoção relacional acaba levando o sujeito a abstrair-se do sofrimento alheio por uma atitude de indiferença — logo, de intolerância para com o que provoca seu sofrimento*. Em outras palavras, a consciência do — ou a insensibilidade ao — sofrimento dos *desempregados* [no nosso caso, os excluídos] depende inevitavelmente da relação do sujeito para com seu próprio sofrimento.⁸

Como o sujeito se relaciona com seus próprios sofrimentos vai determinar a forma como ele vai “reagir” ao sofrimento alheio. E o modo como as pessoas reagem ao sofrimento alheio nos mostra como elas se relacionam com os seus próprios sofrimentos. A indiferença e a agressividade aparecem aqui como mecanismos de defesa contra os seus próprios sofrimentos e, podemos acrescentar, aos seus próprios medos. Medo de quê? Medo de tomar contato com a sua dor e sofrimento e, no fundo, o medo da própria condição humana. A falta de certeza e segurança absolutas, inerente à condição humana, provoca em nós um medo permanente do desconhecido e das ambigüidades e ambivalências das vida. Daí a razão de muitas pessoas sempre estarem buscando certezas nos grupos que veiculam certezas absolutas. Grupos do

8. DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. 2ª. ed., Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, pp. 45-46.

tipo neonazistas ou igrejas e grupos religiosos dogmáticos — com suas certezas sobre a salvação e verdades reveladas — são os mais visíveis, mas não os únicos na nossa sociedade.

No desejo de viver sem a ambivalência e ambigüidade da vida, as pessoas e sociedades acabam criando uma fortaleza ou um muro em volta do seu mundo e projetando para fora os seus medos. Os inimigos, neste caso, não são outra coisa que a “encarnação” dos seus medos, os seus demônios interiores.

Em uma cultura de consumo, como a nossa, o desejo de viver uma vida humana sem se submeter aos limites e ambigüidades da vida próprias da condição humana faz pessoas e sociedades verem nas excluídas do consumo as suas inimigas. Pois, elas com os seus sofrimentos as fazem lembrar da sua condição humana e, com isso, os seus medos, inseguranças e sofrimentos que querem esquecer.

Nas palavras de Zygmunt Bauman, os ‘excluídos do jogo’ (os *consumidores falhos* [...]) são exatamente a encarnação dos ‘demônios interiores’ peculiares à vida do consumidor.

Cada vez mais, *ser pobre* é encarado como um crime; *empobrecer*, como produto de predisposições ou intenções criminosas — abusos de álcool, jogos de azar, drogas, vadiagem e vagabundagem. Os pobres, longe de fazer jus a cuidado e assistência, merecem ódio e condena-

ção — como a própria encarnação do pecado.⁹

Para pessoas que encontram em uma determinada religião ou igreja a certeza que a “salva” da ambivalência da vida e da condição humana, os inimigos são aqueles que vivem a sua religiosidade de um modo diferente. A agressividade contra estes é mais intensa quanto mais estes “inimigos” se mostrarem realizados ou felizes na sua forma diferente de viver a religião.

Um exemplo talvez possa ajudar na compreensão destas idéias. No final dos anos 80, eu ensinava em um seminário católico voltado para a formação de seminaristas religiosos. Uma das congregações mantenedoras do seminário tinha dois tipos de residência de seminaristas. De início só havia um tipo de casa de formação, em uma casa confortável perto do instituto teológico. Mas um grupo de seminaristas pediu permissão para morar em um bairro periférico da Grande São Paulo, na experiência conhecida como comunidade inserida. Eles obtiveram a permissão e continuaram os seus estudos normalmente, só que morando em uma casa mais simples em um bairro pobre e fazendo seus trabalhos pastorais junto a esta população. Nas reuniões de seminaristas da congregação, quando se juntavam todos os seminaristas das duas casas, os seminaristas do bairro periférico sentiam uma certa agressividade por parte dos seus colegas

9. BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, pp. 57 e 59.

que viviam na casa de formação. Perguntado sobre o motivo da agressividade, os colegas responderam que eles simplesmente estavam “respondendo” à agressividade destes que insistiam em falar dos pobres, como se eles estivessem os acusando de não fazer a opção pelos pobres. Os que moravam na periferia se espantaram com a reação, pois eles não tinham falado dos pobres nesta reunião e nunca tinham acusados seus colegas de nada, pelo menos verbal e conscientemente.

Eu não quero entrar em muitos detalhes deste acontecimento. Só quero chamar atenção para este tipo de agressividade que ocorre na sociedade e nas igrejas contra aqueles que são solidários com os/as excluídos(as). É como se a opção ética e atuação pastoral-social dessas pessoas as incomodassem. Por que fazer bem incomodaria as pessoas que se consideram de bem? Talvez porque a presença dos pobres e destas pessoas solidárias as fizessem lembrar de coisas que querem esquecer ou não querem ver. Por exemplo, que elas não são tão boas, como pensam, ou que sua vida religiosa não é tão “comprometida” como pensam e gostariam que fosse. Sem falar que os sofrimentos dos pobres as lembram dos seus sofrimentos e medos, e talvez da sua condição humana que querem esquecer e se “libertar” como sua auto-imagem de “escolhidos/as” por Deus e portanto “protegidos/as” da condição humana.

Quais são os mecanismos que a sociedade oferece a estas pessoas para que elas se iludam e pensem que estão

“libertas” da sua condição humana e que poderão atingir uma condição de plenitude e de segurança? Há inúmeros mecanismos, mas acho que podemos dividir em dois grandes grupos. O primeiro é a ilusão do consumo/acumulação ilimitada que nos levaria à plenitude. De uma maneira simples podemos dizer que a acumulação de dinheiro e tudo que ele pode comprar seria o caminho para vencer a insegurança da condição humana. O medo de envelhecer, por exemplo, é vencido com a ilusão de que dinheiro pode comprar a eterna juventude (vide tantas plásticas, academias e vitaminas) e a imortalidade através das promessas embutidas, por exemplo, no projeto Genoma, que obviamente serão acessíveis somente para quem tem dinheiro para pagar.

O segundo é a certeza oferecida pela religião. Ao aderir a um Deus (todo-poderoso, é claro), as pessoas religiosas se sentem escolhidas para compor o povo eleito, o povo que estaria acima das condições humanas normais. Não há muita diferença entre os discursos e promessas de tantas igrejas ou grupos cristãos. Quase todos eles “vendem” a promessa do poder sobrenatural de Deus que nos colocará fora da ambigüidade e dos limites da condição humana. Muitas das disputas religiosas não passam de competição em torno de quem tem mais poder de Deus para as suas promessas supra-humanas. A salvação ou o caminho para a salvação seria negar a nossa condição humana.

Mas, como diz José Comblin, esta “fuga para o eterno e o absoluto é

um truque da consciência para esconder uma fraqueza. A fuga para o eterno se apóia nos mitos e deles se serve para tentar desmentir a realidade provisória e esquecer seu caráter frágil. Pois, para um homem é um desafio ter que enfrentar permanentemente a fragilidade de sua condição e a incerteza do que é e pode.”¹⁰

E no caso do cristianismo este é um problema fundamental, pois vai contra a fé no mistério da encarnação do Verbo. Aquele que “tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana” (Fl 2,6-7).

Por isso, Comblin afirma que “a novidade do cristianismo não é o desejo do infinito, é o amor das coisas finitas, o amor das coisas que passam. O homem foi criado, precisamente, para viver o eterno, para amar a Deus, na dimensão do tempo, passando e deixando-se passar, e forçando a passagem. O homem foi feito para viver o eterno na sucessão e no instante que passa. Não é se afastando das coisas que passam que ele se reúne a Deus. Pelo contrário, é mergulhando nelas, captando-as, abraçando-as inteiramente. A salvação não vem transformar essa vocação. Vem salvá-la.”¹¹

Toda esta reflexão serviu para chegarmos a uma conclusão: a aparente diferença em relação aos sofrimentos dos/as excluídos/as e a agressividade contra estas pessoas e contra aqueles/as que lutam solidariamente em favor dos/as excluídos/as tem muito a ver com mecanismos de defesa. Se queremos que mais pessoas e grupos da sociedade e do interior das nossas Igrejas assumam a causa da solidariedade para com os/as excluídos(as) devemos dissolver ou enfraquecer esses “muros” defensivos que foram criados na sociedade e na vida das pessoas. Só quando estes mecanismos de defesa se enfraquecerem é que estas pessoas e grupos sociais poderão conviver com a “incapacidade de ver o sofrimento alheio” e buscar novos caminhos para solucionar este problema. O caminho da solidariedade e da transformação social.

Contudo, precisamos nos atentar para uma coisa. As pessoas criam inconscientemente mecanismos de defesa porque se sentem frágeis. Assim sendo, não se derrubam esses muros defensivos com mais agressividade. Pois agressividade vai ser interpretada como mais perigo que exige mais defesa. O que precisamos fazer sempre, com outros/as e conosco mesmos, é fortalecer as pessoas para que possam lidar com os seus sofrimentos e dores que os sofrimentos alheios lhes/nos evocam.

O que ajuda as pessoas a se fortalecerem para enfrentar os seus sofrimentos e as suas dores? Dor e sofrimento

10. COMBLIN, José, *O provisório e o definitivo*, São Paulo, Herder, 1968, p. 74.

11. Idem. *Ibidem*, p. 72.

fazem as pessoas se fecharem, daí os “muros”. Então, o que “abre” os “muros”? O que nos abre para outros/as? Segundo a tradição bíblica, é o Espírito de Deus, que é Amor. Não há melhor remédio que o amor, esta experiência gratificante de ser amado gratuitamente, para nos ajudar a nos pormos de pé e caminharmos na direção do próximo (do homem caído, na parábola do “bom samaritano”) e nos fazermos próximos dos/as excluídos/as. Para alguns isto pode parecer um tanto piegas e simplista. É claro que para as grandes mudanças sociais que precisamos, a experiência de amor não é suficiente. Mas para o problema tratado até aqui, a insensibilidade social e a geração de sensibilidade solidária, a solução passa necessariamente por amor, isto é, pela experiência de ser reconhecido/a gratuitamente como pessoa, sem precisar negar a sua condição humana. Não é à toa que Deus foi experienciado e anunciado como Amor pelas primeiras comunidades cristãs. Para que possamos viver a compaixão, a base da solidariedade, precisamos ter força espiritual para conviver com o nosso sofrimento e com o sofrimento alheio. E sem a experiência de ser amado, é muito difícil. Talvez seja por isso que Mateus e Marcos nos narram que no início, na origem, da vida pública de Jesus está a experiência de ser amado por Deus (cf. Mt 3,17; Mc 1,11).

Em outras palavras, não é agressividade e críticas pessoais que vão fazer mais pessoas se tornarem solidárias com os/as excluídos/as. É a experiência de ser reconhecida como pessoa, — in-

dependente da sua riqueza ou pobreza, da sua capacidade intelectual ou profissional, do seu credo religioso ou não, da sua opção política, da sua sexualidade, etc. — que leva a pessoa a ter uma sensibilidade solidária diante da dor que a visão da dor alheia lhe provoca. Quando nos sentimos aceitos, reconhecidos e amados encontramos forças para enfrentar as nossas inseguranças e medos e nos abrimos para soluções mais criativas e humanas.

A experiência de nos encontrarmos com a pessoa que sofre também é uma fonte inestimável de força para continuarmos dissolvendo ainda mais os nossos muros que nos “defendem” e nos separam dos/as outros/as. Mas, não devemos nos iludir. Estes muros nunca acabarão por completo nas nossas vidas. É uma luta espiritual constante e sem fim. Como tem insistido Hugo Assmann nos seus últimos escritos, a solidariedade não é algo fácil e simples, é fruto de constante conversão e perseverança espiritual.

De novo um texto de Dalai Lama: “A compaixão e o amor não são artigos de luxo. Como origem da paz interior e exterior, são fundamentais para a sobrevivência de nossa espécie. Por um lado, são a não-violência em ação. Por outro, são a fonte de todas as qualidades espirituais: a capacidade de perdão, a tolerância e todas as demais virtudes. Além disso, são o que de fato dá sentido às nossas atividades e as torna construtivas.”¹²

12. Dalai Lama, *op. cit.*, p. 146.

4. UMA LÓGICA PARADOXAL

Vivemos hoje em uma era da informação e conhecimento. Novas tecnologias nos assombram todos os dias e coisas antes inimagináveis se tornam rotineiras para as gerações que nasceram e cresceram neste mundo da tecnologia e informação. Será que antigas religiões ainda têm algo a oferecer e “ensinar” ao nosso mundo marcado pela abundância de novas informações, tecnologias e conhecimentos?

Com tantas informações possibilitadas pelas novas tecnologias de informação e redes interconectadas, como a Internet, as pessoas estão confundindo informação com conhecimento. E entre os que conseguem adquirir conhecimentos poucos conseguem ver que o conhecimento não é necessariamente uma sabedoria, que pode nos levar a uma vida mais humana.

Na minha opinião, uma das principais contribuições que as religiões podem oferecer à humanidade hoje é a sua dimensão educativa da sabedoria. Não simples informações religiosas, nem conhecimentos teológicos (principalmente aqueles que pretendem desvelar os segredos divinos), mas sabedorias de vida que foram se acumulando em tantos anos de tradições. É claro que não se pode ensinar sabedoria sem transmitir ao mesmo tempo informação e conhecimento. Mas, informações e conhecimen-

tos não são sabedorias. E uma sabedoria que está precisando ser ensinada e aprendida em todo mundo é a que nos ensina que não se pode ser feliz e amar a si próprio de verdade se não é capaz de se abrir ao sofrimento de outras pessoas, se não é capaz de ter uma sensibilidade solidária. E que não se pode realmente viver a sensibilidade solidária se não for capaz de aceitar, assumir e amar a si próprio, na sua condição humana e não em uma falsa auto-imagem de um ser supra ou infra-humano.

Quando pessoas amam e se sentem amadas recuperam e fortalecem sua auto-estima e senso de dignidade, características fundamentais não só para ações solidárias, mas também para ser capaz de criatividade e iniciativa, qualidades fundamentais para viver bem no mundo hoje. Em outras palavras, a sabedoria do amor não é “útil” somente para questões existenciais, mas também é fundamental para se conseguir meios econômicos para a uma vida digna nas relações econômicas cada vez mais exigentes e cambiantes.¹³

Eu tenho receio de que, ao falar de assumir a condição humana e ao insistir na importância do amor, podem ocorrer problemas na nossa comunicação. Por isso quero deixar bem claro que não estou propondo abandonar lutas e ações no campo político e macro-social, pois

13. Sobre educação, sensibilidade solidária e exclusão social, vide: ASSMANN, Hugo & SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária: educar para esperança*. Petrópolis: Vozes, 2000.

isso seria um grande erro. Principalmente agora que estamos em uma época em que está ocorrendo um processo da globalização da economia e da transformação profunda no papel dos Estados Nacionais e dos organismos internacionais.

Não estou propondo também que se volte a uma atitude mais “passiva” em nome de uma concepção equivocada do amor. Somente penso que se lutamos em favor da vida das pessoas excluídas em nome da nossa fé cristã, devemos levar a sério a grande intuição do cristianismo: Deus é amor e quem ama conhece a Deus e permanece n'Ele. Deus não é apresentado como poder (mesmo que fosse em favor dos pobres), nem como segurança da salvação, muito menos como negador da nossa condição humana. Amor tem uma lógica que nos confunde muitas vezes.

Eu quero trazer aqui uma idéia que me marcou profundamente — tanto intelectual quanto espiritualmente — há mais de vinte anos atrás. Li num livro de René Voillaume, (acredito que foi no *Lancem as redes*) uma reflexão sobre a formação de religiosos/as para o voto de obediência. Se a minha memória não falha, Voillaume defendia a seguinte idéia. O voto de obediência só pode ser vivido como uma virtude cristã, isto é, uma obediência fundada na liberdade e no amor, se o/a religioso/a tiver capacidade técnica e autonomia existencial para poder decidir e fazer por si. Isto é, uma pessoa incapaz e sem condição existencial para tomar decisão não pode viver a sua obediência religiosa como uma virtude, pois ela simplesmente não tem outra opção a não ser obedecer.

Sendo assim, formar religiosos/as para viver o voto de obediência (esta mesma lógica também pode ser aplicada para outros dois votos) não é formar para dependência e falta de iniciativa, mas, pelo contrário, é formar para a autonomia, capacidade e iniciativa no campo técnico e existencial, e para liberdade e amor. Só assim a pessoa pode viver o voto da obediência como virtude cristã.

Quando eu li, achei brilhante. E hoje, tantos anos depois, continuo achando o mesmo. Foi tão iluminador, que mesmo tendo lido este texto só uma vez e nunca mais tendo nem ouvido esta idéia de uma outra pessoa, este ensinamento-sabedoria ainda continua na minha memória. Não há oposição entre a obediência como virtude cristã e formação para autonomia-liberdade-amor. Pelo contrário. Só se pode viver o voto de obediência como virtude cristã, se formado para competência, iniciativa e autonomia.

O mesmo raciocínio vale também para educação da sensibilidade solidária. Auto-confiança, sentimento de dignidade e força espiritual para enfrentar os seus problemas e os seus medos são qualidades humanas fundamentais para viver de um modo maduro e contínuo a solidariedade com os/as excluídos/as. Só assim as pessoas poderão assumir a sua condição humana e conviver com as dores das outras pessoas e com as suas próprias dores. E desta forma vão ser capazes de descobrir a alegria, a graça, que se experimenta em uma relação de mútuo reconhecimento e de solidariedade mútua. E esta expe-

riência da graça vai alimentá-las para continuar na solidariedade/amor.

As nossas práticas litúrgicas, pastorais e religiosas em geral devem ou deveriam ser propiciadoras, educadoras e reveladoras dessas qualidades nas nossas comunidades. E não, como ocorre infelizmente em vários lugares, práticas que infantilizam pessoas tornando-as demasiadamente dependentes dos agentes religiosos.

Concentração de poder, decisão e "pseudo-conhecimento" teológico nas mãos de padres ou de agentes religiosos "qualificados" (como superiores/as religiosos, ministros-leigos institucionalizados) criam relações humanas e sociais que não educam pessoas para as qualidades que propiciam e possibilitam a vivência da sensibilidade solidária. E, assim, dificultam a experiência de Deus que se revela e se deixa experienciar quando vivemos a sensibilidade solidária dentro das nossas condições humanas. Este é, na minha opinião, o maior problema desse tipo de relação.

Muitas vezes, o zelo pela educação religiosa "segura" dos cristãos católicos e o zelo pela vivência das virtudes da Vida Religiosa consagrada (institucionalizadas na forma dos votos de pobreza, obediência e castidade) podem gerar efeitos não-intencionais. Isto é, muitas vezes o nosso desejo de proteger a fé e a vocação das pessoas podem acabar criando "muros" demais, que as defendem, mas ao mesmo tempo não as preparam para enfrentar a inevitável situação de sentir/relembrar os seus medos, dores e sofrimentos

quando se defrontarem com os sofrimentos do nosso povo. E como vimos acima, é inevitável sentir a presença e os sofrimentos dos/as excluídos/as. Se as pessoas estiverem demasiadamente fracas emocional e espiritualmente, a reação mais fácil será a de "desviar" o olhar, ou dizer como disse Pedro a Jesus, que estava "tomado de compaixão por eles (uma multidão de famintos)" (Mc 6,34): "mande-os embora para que vão aos campos e povoados vizinhos e comprem para si o que comer" (Mc 6,36). Em outras palavras, Senhor tire este povo que passa fome da frente dos nossos olhos, pois a dor deles me dói e não sei o que fazer com esta dor. Se eles saírem da nossa vista, o meu coração poderá encontrar paz novamente. Como diz o povo: "o que os olhos não vêem, o coração não sente".

Talvez um outro exemplo possa deixar mais claras estas idéias. O exemplo que vou citar é um exemplo extremo, mas casos extremos nos ajudam didaticamente na compreensão de pensamentos meio paradoxais. Eu conheci e ainda continuo conhecendo religiosos/as que precisam prestar contas, nos mínimos detalhes, dos seus gastos com notas fiscais ou recibos. Desde livros religiosos até lanches. A explicação "oficial" é que são procedimentos necessários para contabilidade. Na verdade, todos nós sabemos que há outras formas de solucionar o problema contábil. Também há, é claro, a preocupação de fazer os/as religiosos/as viverem estritamente o voto de pobreza; e no caso dos/as forçando/as, a de ensinarem o sentido do

voto do pobreza. Mas o ponto que quero discutir não é este. Eu não quero discutir aqui as razões teológicas ou históricas desse tipo de comportamento-controle. A questão que quero levantar aqui é: que tipo de pessoas se forma neste tipo de relacionamento. Se um/a religioso/a com votos perpétuos não merece da congregação ou dos seus/suas superiores/as confiança no manejo de, digamos, R\$ 150,00 (em torno de um salário mínimo) por mês, como depois esperar dessas pessoas responsabilidade, iniciativa e criatividade para realizar “missões” no nosso mundo cada vez mais complexo? Como uma pessoa adulta, que já teve a experiência de cuidar da sua vida antes da Vida Religiosa, se sente sendo tratada assim? Uma pessoa que se “acostuma” nesse tipo de tratamento será capaz de ter força espiritual para lidar com o sofrimento de ver o sofrimento alheio? Será capaz de cultivar a sensibilidade solidária e tomar iniciativas para enfrentar de modo criativo e eficiente os problemas que surgem ao lutar em prol da vida dos/as excluídos (as)? (É claro que conheço religiosos/as que são profundamente solidários/as e não fazem da luta contra este tipo de relações no interior da Igreja a sua bandeira de luta, por acreditarem que há lutas mais importantes e urgentes.)

Se muitos/as religiosos/as com votos perpétuos vivem este tipo de relação, eu fico imaginando como será a relação com candidatos/as à Vida Religiosa e com pessoas chamadas de “leigos/as” nas nossas paróquias. São relações e práticas religiosas que, ao invés

de educarem para a sensibilidade solidária e para a experiência de Deus como Amor e Liberdade, levam as pessoas e sociedades a se fecharem em seus “muros” com medo dos seus demônios interiores projetadas nos/as excluídos/as ou em outras religiões.

É claro que não estou querendo julgar aqui as boas intenções das pessoas preocupadas em proteger e defender a fé e a vocação das outras pessoas. Mas, quero chamar a atenção para o fato de que muitas vezes as nossas ações baseadas nas melhores intenções podem gerar efeitos não-intencionais negativos. A sabedoria que aprendi com René Voillaume, e com tantos outros mestres espirituais, nos mostra que nos casos em que estão envolvidos amor, compaixão, solidariedade, fé e outras virtudes humanas-espirituais, a lógica nem sempre funciona de modo linear. Se queremos defender a fé e a vocação cristã, o caminho não é levantar os “muros”, mas sim nos abirmos para os sofrimentos e desafios que vem dos/as excluídos /as. Amor que se fecha para se manter, acaba. Assim como o Espírito Santo só pode soprar na vida das pessoas e comunidades que estão abertas. Em casas fechadas o Espírito-vento não pode entrar. É claro que quando se abrem as janelas, quando abrimos nossas vidas, também entram problemas. Como diz um ditado chinês, quando se abre janelas para entrar ar fresco, também entram as moscas. Há pessoas que preferem fechar as janelas, em nome das moscas; outras preferem manter o vento-Espírito, e resolver na medida do possível o problema das moscas.

A busca da segurança absoluta não nos liberta da nossa condição humana. Só nos conduz à insensibilidade, intolância e auto-engano. Onde está o Espírito não está a segurança, mas sim a liberdade e o amor.

As nossas práticas religiosas e pastorais podem e devem ser espaços que propiciam experiências espirituais que fortalecem as pessoas e grupos a assumirem a sua condição humana. Assim elas terão força espiritual para enfrentar as dificuldades da vida, amar a si próprias e transformar a compaixão em atos de solidariedade. Paralelamente a este processo de fortalecimento espiritual das pessoas, é

preciso também ir desconstruindo as explicações metafísicas que dão aparente legitimidade e consciência tranqüila (sempre aparente) aos insensíveis. É preciso criticar a metafísica do mercado elaborado pelos ideólogos do neoliberalismo, como também é preciso criticar sempre discursos religiosos e teológicos que justificam indevidamente a insensibilidade social. Aliás, este desafio de dupla faces foi uma das tarefas assumidas explicitamente pela Teologia da Libertação desde o seu início. Apesar de que nem sempre soube realizar de modo adequado. Mas este é um outro assunto, que não trataremos aqui.

5. DESEJO NÃO CONSEGUE TRANSFORMAR PEDRA EM PÃO!

Pessoas que se deixam mergulhar na compaixão, desenvolvem uma sensibilidade solidária e assumem lutas em defesa da vida e da dignidade das pessoas excluídas não ficam isentas da tentação de negar a condição humana. Só que não é mais na forma do "desviar o olhar", mas em outras formas de tentações que se originam da "pressa" que nasce da indignação ética e da compaixão.

A sensibilidade solidária suscita em nós um desejo novo que articula um novo horizonte de sentido às nossas vidas e gera um horizonte de utopia e de esperança de um mundo justo e fraterno. Este novo horizonte utópico dá sentido à sensibilidade solidária e realimenta o nosso desejo de um mundo humano, acolhedor e solidário. Além disso, como as injustiças

que vemos são tantas e tão graves, os sofrimentos das pessoas são tão cortantes no nosso coração, queremos que os nossos desejos de um mundo justo e humano se realizem de uma maneira rápida e direta. Neste desejo, nós acabamos, muitas vezes esquecendo da nossa condição humana e assumimos a missão messiânica de construir o Reino de Deus ou a missão de sujeitos históricos (novos, emergentes ou antigos, não importa) de transformar o mundo. E assim esquecemos que não somos deuses para construir o Reino de Deus, nem seres supra-humanos capazes de construir uma história sem as contradições e ambigüidades inerentes à nossa condição humana.

O nosso ardente desejo de ver um mundo novo e diferente pode nos levar

à tentação de soluções mágicas, soluções que não levam em conta os limites da condição humana (como imaginações de sociedades onde as pessoas não têm interesses próprios, ou desejos conflitantes, mas somente são movidas por solidariedade), ou então não levam em conta os limites inerentes de todos os sistemas econômicos, sociais e políticos. Muitas vezes não queremos ver que certos desejos nossos não são possíveis de serem realizados, por mais belos e justos que sejam. Não nos conformamos ao ver que a história resiste aos nossos desejos mais belos e justos.

Os evangelistas nos contam que a primeira tentação que Jesus teve no deserto foi a de querer transformar pedras em pão. Não é para menos, pois não somente ele estava com muita fome — pois passara quarenta dias em jejum —, mas ele conhecia a fome do povo. A ânsia de alimentar o povo foi tão grande que ele foi tentado a desejar a transformação de pedras em pão. E convenhamos, o que não faltava em Israel eram pedras. Seria uma solução perfeita para conseguir abundância de comida para os pobres, uma das promessas do Reino. Mas, por que este desejo — um desejo bem intencionado, diga-se de passagem — foi colocado como tentação na boca do diabo? Porque é um desejo que nega as diferenças entre pedra e pão, isto é, um desejo de uma solução mágica capaz de conformar o mundo com os nossos desejos. Um desejo que pressupõe o controle do Deus ou de seres sobrenaturais, os únicos seres capazes desse milagre. Mas, o Deus que

Jesus nos veio revelar não é um dos deuses desse tipo. Por que não? Não seria mais fácil para todos? Talvez, mas este é o mistério da encarnação, do Deus que se esvaziou da sua divindade para assumir a condição humana.

É interessante notar que, hoje, os livros que mais vendem e os líderes religiosos que mais atraem público são aqueles que prometem exatamente ensinar a fórmula de transformar todos os desejos em realidades. Prometem bênçãos ou segredos que negariam a diferença entre pedras e pães, que conformariam o mundo e a vida conforme os desejos dos consumidores/fiéis.

Não somente temos dificuldade em aceitar que a realidade resiste aos nossos mais belos desejos, mas também temos dificuldade em entender porque as nossas lutas sociais e políticas modificam tão pouco a nossa realidade social. Não é fácil compreender as complexas relações econômicas que se dão no processo da globalização econômica. Não conseguimos ver as razões reais do aumento do desemprego, os baixos salários, as oscilações no mercado financeiro, as intrincadas relações entre governos municipais, estaduais, nacionais, organismos multilaterais internacionais (FIM, Banco Mundial, Organização Mundial do Comércio, B.I.S., ONU, etc.), a influência dos governos dos países mais ricos no mundo, e tantas outras coisas. Nem conseguimos entender por que as pessoas com quem trabalhamos nas comunidades ou nos movimentos sociais desejam coisas que nem tem muita consciência que desejam; ou

por que o povo está tão distante e desanimado com assuntos políticos. São tantas coisas que nos confundem, que só aumentam a nossa dor...

Diante disso, uma solução tentadora é eleger um bode-expiatório em quem podemos descarregar todas as nossas raivas e frustrações e acusar de ser culpado de todas essas coisas. Assim, além de descarregar a nossa raiva, conseguimos simplificar o funcionamento do mundo que não entendemos por ser complexo demais. Hoje um dos bodes expiatórios favoritos é o neoliberalismo e os seus representantes. Parece que o neoliberalismo é causador de todas as coisas más que há no mundo, mesmo das coisas que existiam antes do neoliberalismo e que continuarão a existir após o fim da hegemonia neoliberal (que não está muito distante dos países do Primeiro Mundo). Se queremos criticar algo ou alguém, basta associá-lo ao neoliberalismo.

É óbvio que o neoliberalismo, ou melhor, a aplicação do receituário neoliberal tem muito a ver com o aumento da exclusão social no mundo — eu já escrevi bastante sobre isso para voltar ao assunto aqui —, mas devemos ter a sensatez para reconhecer que o neoliberalismo não é o culpado por todas as coisas injustas e ruins que acontecem. Os neoliberais erram ao querer absolutizar o mercado — o que os teólogos criticam como idolatria do mercado —, mas querer absolutizar no sentido negativo o neoliberalismo ou o mercado fazendo deles “o” culpado de todas as coisas é reproduzir a mesma lógica neoliberal com sinal invertido.

Eu sinto que esta busca obsessiva por um bode-expiatório tem a ver com o desejo de uma solução definitiva para os problemas humanos e sociais. Se há um único culpado para todos os males, a sua morte significará o fim de todos os males. Só que a solução definitiva, um mundo sem problemas humanos e sociais, o Reino de Deus em plenitude na Terra, é a tentação de negar a nossa condição humana. O que podemos e devemos fazer é construir uma sociedade *mais* humana e justa, que seja um sinal antecipatório do Reino definitivo, mas não uma sociedade *plenamente* justa e humana.

Geralmente a busca obsessiva por um bode-expiatório vem acompanhada de agressividade. Quando vejo pessoas que estão em lutas solidárias agir com agressividade em suas denúncias pseudo-proféticas, eu me ponho pensar sobre as razões disso. Penso que, muitas vezes, esta agressividade tem a ver com a dificuldade de conviver com a frustração dos desejos não realizados, com a dificuldade de conviver com a dor e sofrimento de ver a dor e o sofrimento de outras pessoas. No fundo, a dificuldade de conviver com a nossa condição humana. São denúncias pseudo-proféticas porque não são capazes de com suas denúncias criar horizontes mais humanos e de gerar esperança no povo. Alimenta, sem dúvida, a auto-imagem de “profeta radical”, mas não acredito que agressividade possa gerar esperança e sensibilidade solidária.

Outros/as reduzem o seu horizonte de compreensão e de esperança para as

pequenas lutas locais e comunitárias, quase que tentando esquecer desse mundo tão grande, tão difícil de entender e de modificar. Reduzem o “mundo” e os desafios ao âmbito do micro-social e se tornam céticos/as com referência às lutas sociais e políticas de maior amplitude e, por isso, de longa duração. Dessa forma, acabam criando um “mundo” mais acolhedor, com respostas mais rápidas para as suas ações. Só que, infelizmente, a vida não funciona assim.

Quando estes grupos se vêem obrigados a tratar da realidade macro-social, projetam no nível macro-social as suas experiências de solidariedade que funcionam no nível micro-social. Os seus projetos ou críticas no nível macro-social acabam sendo uma ampliação linear das suas experiências micro. Dessa forma não querem ou não conseguem ver que os valores e modos de trabalhar nas pequenas comunidades nem sempre funcionam em sistemas maiores. Isto é, o que dá certo em pequenas comunidades, como cooperativas, nem sempre funciona bem ou de mesmo modo quando apli-

cado em relações macro-econômicas. Alimentam o desejo e a ilusão de que se conseguirmos colocar no poder algum dos nossos, ou se conseguirmos convencer todas as pessoas a assumirem a nossa proposta, o mundo todo funcionará como as nossas pequenas comunidades ou pequenas iniciativas locais, ou como uma rede de comunidades/cooperativas solidárias. Só que sociedade não é uma comunidade “grande”, e por isso só pode funcionar de um modo distinto dos funcionamentos de pequenas redes de comunidades.

Todas estas tentativas inconscientes de negar a nossa condição humana coloca sobre os nossos ombros um peso enorme: o peso de carregar uma missão supra-humana. Pior é que acabamos colocando também sobre ombros de outras pessoas este mesmo peso, tornando a vida delas e nossas mais difíceis de serem vividas. Algumas vezes, as nossas boas intenções acabam criando teologias ou visões religiosas que se tornam um peso a mais na vida das pessoas.

6. SABEDORIAS ESPIRITUAIS E CONDIÇÃO HUMANA

Parece que é da própria “natureza” humana este desejo de superarmos a nossa condição humana. Uma das razões é a nossa capacidade de desejarmos para além das nossas possibilidades. Antigamente, nas sociedades pré-modernas, parece que as pessoas aceitavam melhor os seus limites e colocavam nas mãos de Deus e na vida pós-morte a realização em plenitude dos

seus desejos. É claro que muitos aproveitaram disso para legitimar dominações e reprimir tentativas de transformar a sociedade. Com o advento da modernidade, as pessoas começaram a acreditar que “querer é poder” e esperar a realização plena dos seus desejos.

Uma forma de superarmos esta tentação de negarmos a nossa condição humana não pode ser a de querer nos

tornarmos “super-pessoas” que não têm mais esta tentação. Pois, isto seria exatamente cair na tentação, em nome da sua superação. A única forma de vencermos — nunca de modo definitivo — esta tentação é assumirmos que é da nossa condição humana convivermos com ela. Daí nasce a necessidade de vigilância permanente e conversão contínua para não negarmos a nossa condição humana. Em outras palavras, só podemos assumir a nossa condição humana na medida em que nos reconciliarmos conosco mesmos.

Já dizia Sócrates, o sábio não é aquele que pensa que sabe, mas aquele que sabe que não sabe ou que sabe muito pouco. Ou como aprendi com meus mestres espirituais, o santo não é aquele que não peca ou que se sente santo, mas aquele que se reconhece como pecador.

O mais importante não é sabermos se caímos ou não nesta tentação de negar a nossa condição humana, mas perseverarmos na sensibilidade solidária. Esta é a melhor forma de nos mantermos reconciliados com a nossa condição humana. Pois, a sensibilidade solidária com os/as que sofrem sempre nos recorda que somos humanos/as.

E quando reconhecemos as potencialidades e os limites da condição humana, uma certa frustração é inevitável. Frustração que aos poucos deve se converter em sabedoria. Reconhecer a nossa condição humana é abdicar do sonho de realização dos nossos desejos mais belos. Mas, quando abdicamos desses sonhos impossíveis, nós podemos

construir um mundo melhor do tamanho da nossas possibilidades. O que fazemos com o sonho da realização plena dos nossos mais belos desejos? Esperamos que Deus, na sua graça e misericórdia, nos conceda em plenitude com a ressurreição. É uma fé/esperança que nasce da fé na ressurreição de Jesus.

Estas lições de sabedorias espirituais são principais contribuições que as religiões, e em particular o cristianismo, podem oferecer ao mundo hoje. Elas podem ajudar as pessoas excluídas a adquirirem mais auto-estima e senso de dignidade para ter forças espirituais para enfrentarem as dificuldades da vida e também para se capacitarem para as novas relações econômicas e do mundo do trabalho. Auto-estima, criatividade e iniciativa, são — segundo os especialistas — qualidades humanas fundamentais para sobreviver no mercado de trabalho hoje. Estas sabedorias também podem ajudar pessoas em geral a viverem melhor consigo e serem capazes de cultivar a sensibilidade solidária e atuar em lutas pela defesa da vida dos/as excluídos/as.

Eu tenho aprendido com muitas pessoas que encontrar Deus nos faz mais humanos, em todos os sentidos. E quando nos humanizamos, assumindo a nossa condição humana — os nossos limites e potencialidades, alegrias e tristezas, esperanças e frustrações, pecados e conversões —, nos aproximamos mais de Deus. É a minha forma de compreender o mistério da encarnação, a saber, que o caminho para Deus e o caminho para o ser humano são um único e o mesmo caminho (cf. *Redemptor Hominis*).

Não somos deuses. Ninguém tem o direito de condenar multidões à fome, nem de destruir a natureza em nome da vontade própria de dominar, nem de condenar ao inferno pessoas ou religiões que não a sua. Também não somos deuses capazes de construir o Reino de Deus em plenitude na história humana (Reino de Deus é graça!), nem de construir sociedades sem ambigüidades humanas. Mas também não somos seres infra-humanos, incapazes de melhorar o mundo e as pessoas naquilo que é possível, ou seres incapazes de sensibilidade solidária. Somos pessoas humanas!

Será que o cristianismo ainda pode ser socialmente relevante na educação para a condição humana e, portanto, para a sensibilidade solidária? Acredito firmemente que sim. Esta crença não

vem de teorias ou de alguma garantia supra-humana, mas sim de testemunho de pessoas que na sua simplicidade procuram viver a sua sensibilidade solidária e perseveram atuando nos mais diversos locais e lutas. São estas pessoas que me fazem ver que ainda é possível vivermos uma vida que vale a pena ser vivida.

Apesar de tantos “bombeiros” zelosos no seu trabalho de apagar fogos, há muitas chamas que ainda fumegam pelo mundo afora. Sorte nossa que Jesus não veio para apagar estas chamas que ainda fumegam, mas, pelo contrário, prometeu enviar o seu Espírito, não para nos garantir vitórias, mas para nos dar força para continuarmos testemunhando com intrepidez o seu amor aos mais pequeninos (cf. At 4,29-31).

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Como você costuma reagir diante do sofrimento do outro, particularmente do pobre?
2. Como conseguir mobilizar-se, como grupo-comunidade e mobilizar outras comunidades para gerar mais sensibilidade social e mais compromissos solidários?
3. Na sua província, os jovens são educados para a responsabilidade social e a solidariedade? Como?

 Jung Mo Sung

Professor no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião na PUC-SP, na UESP e pesquisador no IFAN-USF. Autor de diversos livros, entre eles: *Desejo, mercado e religião* (Vozes) e *Competência e sensibilidade solidária: educar para esperança* (Vozes), em co-autoria com Hugo Assmann.

Rua Humberto Primeiro, 254/121-A
Vila Mariana
04018-030 – São Paulo – SP
E-mail: jungmosung@uol.com.br

Reflexões a Propósito do **Reflexões a Propósito do** *Terremoto de El Salvador* **Terremoto de El Salvador**

JON SOBRINO

No dia 13 de janeiro um terremoto sacudiu El Salvador. No dia seguinte recebi vários telefonemas, sobretudo da Espanha, perguntando como estava a situação e que podiam fazer. Não podia dar muitas respostas concretas, mas vieram-me à mente algumas reflexões “a propósito do terremoto”. Isto é o que ponho agora por escrito de maneira um pouco mais organizada e pausadamente. O leitor notará também diversas emoções, óbvias muitas delas. Talvez note também outras um pouco mais pessoais: a indignação pelo fato de que sempre acontece “o mesmo” e sofrem “os mesmos”, a esperança de que algum dia não seja assim, e uma espécie de veneração diante da vida dos pobres, antes, durante e depois das catástrofes.

* * *

Em El Salvador voltou a acontecer uma grande tragédia. Um fortíssimo terremoto ocasionou mortos que até agora se contabilizam em centenas, mas que poderão chegar a ser contados em milhares. Muito mais são os feridos e muitíssimo mais os desabrigados. As casas destruídas deixaram dezenas de milhares sem lar, vivendo à intempérie, agüentando o frio da noite, com muitíssimas crianças. O terremoto deixa também a angústia de um futuro incerto sobre como e onde vão viver durante as próximas semanas, meses e anos, e a isso une-se o medo — às vezes o pânico — de que a terra volte a tremer. Muitas zonas foram evacuadas e ficaram desoladas, noutras amontoam-se os desabrigados. As cenas

são aterradoras: dor e lágrimas sem consolo pelos mortos, famílias inteiras que desapareceram, “a vizinha perdeu cinco filhos”, “a casa soterrou a família toda”. E na medida em que passam os dias e vão chegando notícias do interior cresce a convicção de que a catástrofe foi realmente grande, maior do que se pensava.

Baste o dito para traduzir em palavras uma grande tragédia e um grande sofrimento. Nos próximos dias serão melhor conhecidas as cifras: mortos, feridos, desaparecidos, destruição, perdas globais. Agora, a três dias do terremoto, oferecemos umas breves reflexões sobre o que realmente aconteceu, o que nos interpela e — ainda que pareça paradoxal — o que nos oferece.

1. A TRAGÉDIA DOS POBRES

Viver neste país é sempre uma carga muito pesada de se levar. Oficialmente, a metade da população vive em pobreza, grave ou extrema. Da outra metade, outra boa maioria vive com sérios problemas e dificuldades. Tudo isso se agrava com as catástrofes: em 1986 outro terremoto assolou o país, faz dois anos foi o furacão Mitch. E não se pode esquecer quinze anos de repressão, guerra, êxodo massivo, destruição.

Viver é, pois, uma pesada carga, mas não o é para todos igualmente. Como sempre, é muitíssimo mais para as maiorias pobres. O terremoto destruiu casas, mas muito majoritariamente

te as de adobe, onde vivem os pobres porque não podem construir casas de cimento e ferro. Os desabamentos soterram pessoas e moradias — esta vez também pequenas casas de classe média baixa —, mas sempre soterram as mais pobres porque só nessas inóspitas ladeiras, não em terra plana e fértil, encontram lugar para morar. O mesmo aconteceu durante o conflito bélico. A imensa maioria daqueles que sofreram a repressão e daqueles que morreram na guerra, de um e outro lado, foram pobres. E assim sucessivamente.

O terremoto não é, pois, só uma tragédia, senão que é também uma radio-

grafia do país. Muito majoritariamente morrem os pobres, ficam soterrados os pobres, têm que sair correndo com as quatro coisas que lhes restam os pobres, dormem à intempérie os pobres, angustiam-se pelo futuro os pobres, encontram imensos obstáculos para refazer suas vidas os pobres. Também outros sofrem com o terremoto indubitavelmente, mas, de maneira geral, passado o susto, reconstroem o que foi danificado, voltam à normalidade e podem continuar vivendo, alguns deles rodeados do luxo de sempre.

Os terremotos, como os cemitérios, revelam a iníqua desigualdade de uma sociedade e, assim, mostram a sua mais profunda verdade. Algumas tumbas são suntuosas, grandes panteões e luxuosos mármore, bem situadas. Outras, quase sem nome e sem cruzeiros, amontoam-se em muitos lugares e permanecem anônimas. São a maioria.

Os terremotos lembram os cemitérios e representam, tragicamente, a parábola de Jesus: "Havia um senhor muito rico que banqueteava todos os dias. E aos pés de sua mesa havia um pobre, Lázaro, que esperava que caíssem migalhas da mesa..."

2. A INJUSTIÇA QUE CONFIGURA O PLANETA.

A tragédia tem causas naturais, mas seu desigual impacto não se deve à natureza, senão àquilo que os seres humanos fazemos uns com os outros, uns aos outros. É a injustiça que configura o planeta de forma massiva, cruel e duradoura. A tragédia é em boa parte obra de nossas mãos.

É ilusório que se apele para normas de segurança que se exigem na construção de vivendas, quando os pobres não têm recursos para cumpri-las. E indo à raiz, é insultante que não se tenha conseguido -nem de longe- vivenda digna para as maiorias, quando proliferam edifícios ostensivos e melhoram as autopistas, os hotéis, os aeroportos. Também em El Salvador.

De acordo com especialistas, neste celebrado milênio que começa, o da globalização, dois bilhões de seres humanos não têm moradia onde viver com um mínimo de dignidade e de segurança. E quando Gustavo Gutiérrez quer sacudir a complacência deste nosso mundo, faz esta simples pergunta: "onde dormirão os pobres no século XXI?". "O capitalismo nasceu sem coração", diz Adolfo Pérez Esquivel. Leva mais de um século gerando choças infames e barracos que se caem, e com isso zomba dos pobres, que, a cada vinte anos, perdem suas casas.

Mas zomba também dos especialistas. Um exemplo. Faz algum tempo, ecologistas e técnicos, salvadorenhos e estrangeiros

ros, denunciaram o perigo que acarretaria o desmatamento da Cordilheira do Bálsamo. Fazendo ouvidos surdos, construíram-se centenas de casas, e ocorreu o que tinha que ocorrer: com o terremoto veio o desabamento. Perto de 270 casas ficaram soterradas debaixo de quatro metros de terra e cerca de mil pessoas morreram soterradas. Evidentemente, a tragédia que o terremoto causou não se deve só ao desmatamento, mas este colaborou. No dia seguinte, o Presidente Flores fez-se presente no lugar da tragédia, nessas visitas de governantes que às vezes podem ser sinceras e, às vezes, são só para sair do impasse. O povo se lhe aproximou, o rodeou, o vaiou e o insultou — coisa que não costuma suceder normalmente — até que um funcionário teve que se interpor entre a câmara de televisão e o povo para que não ficasse filmada a cena. Dessa resposta do povo pode coligir-se sua indignação e sua dor.

Uma última reflexão nesta linha: Cada quinze ou vinte anos costuma haver terremotos na área centro-americana, mas a tragédia que originam não parece ensinar muito, nem servir eficazmente para evitar na medida do pos-

sível ou minimizar a tragédia seguinte. Desde o terremoto de 1986 não se buscou solução para a situação geral de pobreza, nem se avançou eficazmente em prevenir e remediar as conseqüências de catástrofes inevitáveis. Nos quinze anos entre os dois últimos terremotos o país investiu muito para melhorar o armamento das forças armadas e a tecnologia dos bancos. Mas para retirar os escombros continuamos praticamente com as picaretas e as pás, sobretudo em regiões e aldeias perdidas.

A tragédia foi grande para os pobres. Hoje fala-se dela, mas logo desaparecerá da cena e será substituída por outros interesses, os de sempre. Já se começa a cogitar se, com o terremoto, se ativará a economia ou não, como quando se pensa em repartir os despojos com o defunto ainda presente. Os donos do país buscam paliativos para os estragos, mas não se preocupam muito de garantir o futuro da vida dos pobres, suas vivendas, seus pertences. E que as coisas sejam assim parece natural.

Por isso, com o terremoto continuam ressoando as palavras de Javé no início da história: "que fizeste de teu irmão?"

3. A SANTIDADE DE VIVER

É mais fácil escrever sobre a tragédia e a maldade do que sobre a vida e a bondade. Mas, ainda que muito brevemente, digamos que em meio à tragédia a vida continua brotando, atraindo e

movendo com força. O desfile de pessoas, caminhando ou em veículos muitas vezes desmantelados, com pacotes na cabeça e crianças puxadas pelas mãos, é a expressão mais fundamental de vida

e do anelo de viver, com grande dramatismo o vimos em Os Grandes Lagos. Essa vida surge do melhor que somos e temos. Gente pobre, às vezes muito pobre e com muito poucos conhecimentos, põe tudo o que são e têm ao serviço da vida, e o fazem porque com frequência não lhes sobra muito mais.

Aqui no terceiro mundo, por experiência secular, os pobres desconfiam de governos, autoridades e funcionários, ainda que sempre haja pessoas boas e responsáveis. Os pobres sabem que têm direitos humanos. Em ocasiões de catástrofes sabem que têm direito a ser assistidos e ajudados. Se essa ajuda chega, é certamente bem recebida, e quando não chega, e podem fazê-lo, protestam porque não lhes chegou. Mas não esperam muito e por isso sua reação fundamental é outra: colocam suas forças para produzir e sua criatividade ao serviço da vida. Em meio à tragédia impõe-se a força da vida e, apesar de tudo, faz-se presente o encanto do humano.

E junto ao impulso do próprio viver, surge também a força da solidariedade. Como ocorreu nos últimos anos, chegou já, e continuará chegando, ajuda de muitas partes, e também chegando especialistas em resgate, médicos, engenheiros... Prestam um grande serviço, dão ânimo e é preciso agradecer-lhes muito sinceramente. Mas nos referimos agora à solidariedade mais primária e para isso voltemos ao acontecido na Cordilheira do Bálsamo.

Para desenterrar cadáveres não havia à mão muitas escavadoras mecânicas e, além do mais, teria sido perigoso

usá-las, pois, ao escavar, poderiam despedaçar cadáveres. Então, longas fileiras de homens, passando-se baldes de terra um ao outro, puseram-se a remover milhares de metros cúbicos de terra e levá-los a outro lugar. Passam assim dias e o cansaço é esgotador. Mas continuam buscando cadáveres, e esperando o milagre de algum corpo que ainda esteja com vida. Junto a eles estão pessoas beneméritas, chegadas de outros países. É a força primigênia da solidariedade: buscar a outros seres humanos, para encontrá-los vivos ou para enterrá-los — com dignidade — quando estejam mortos.

E nessa solidariedade primigênia sempre e indefectivelmente está a mulher com a mais primária das solidariedades: cuidando das crianças entre escombros, fazendo e repartindo o que haja de comida nos acampamentos de desabrigados, animando sempre, sobretudo, com sua presença, sem claudicar, sem cansar-se, como referente último de vida que não falha...

Gosto de pensar que nessa decisão primária de viver e dar vida aparece uma como santidade primordial, que não se pergunta se é virtude ou obrigação, se é liberdade ou necessidade, se é graça ou mérito. Não é a santidade reconhecida nas canonizações, mas que bem pode ser apreciada por um coração limpo. Não é a santidade das virtudes heróicas, senão a de uma vida realmente heróica. Não sabemos se estes pobres que clamam por viver são santos intercessores ou não, mas movem o coração. Podem ser santos pecadores, se se quer, mas cumprem insinamente com a vo-

cação primordial da criação: são obedientes ao chamado de Deus a viver e a dar vida a outros, mesmo em meio a catástrofes.

É a santidade do sofrimento, que tem uma lógica diversa, mais primária,

que a santidade da virtude. Pode parecer exagerado, mas diante desses pobres, talvez possamos repetir o que disse o centurião diante de Jesus crucificado: "verdadeiramente estes são filhos e filhas de Deus".

4. A COMPAIXÃO QUE NOS SALVA.

No país, e sobretudo fora dele, muitos se perguntam que fazer. Uns querem saber como enviar a ajuda para que esta chegue a seus destinatários e não aos bolsos de corruptos, para que não se repitam experiências do passado, quando governantes e militares embolsaram a generosidade de muita gente de boa vontade. Outros perguntam, talvez com cepticismo justificado por experiências passadas, se e para que serve a ajuda. Outros, enfim, perguntam que ajuda é a mais eficaz e a mais necessária. Não vamos responder, em concreto, a estas perguntas. Queremos antes oferecer algumas reflexões sobre a atitude fundamental tal como a vemos desde aqui — que leva a ajudar com criatividade e generosidade, com firmeza e fidelidade.

Em primeiro lugar, é necessário deixar-se afetar pela tragédia, não fugir dela nem suavizá-la. Não se trata de fomentar o masoquismo nem de exigir impossibilidades psicológicas. Trata-se de um primeiro momento de honradez com o real. Fugir, sutil ou abertamente, da tragédia é uma forma de sair da rea-

lidade de nosso mundo. Mas temos que ter a convicção de que sem ficar e ficar-se na realidade não se pode ajudar ninguém, nem aos necessitados de fora, nem a si mesmo por dentro. Deixar-se afetar, sentir dor diante de vidas truncadas ou ameaçadas, sentir indignação diante da injustiça que está detrás da tragédia, sentir também vergonha por que arruinamos este planeta e não o consertamos, tudo isso é importante para saber ajudar na tragédia. E o que é mais importante, tudo isso pode levar a sentir compaixão e colocá-la em prática, que é o que nos salva.

Em segundo lugar, este deixar-se afetar pela tragédia é também salvífico, porque nos instala na verdade e nos faz superar a irreabilidade em que vivemos. Por isso, instituições como Igrejas e Universidades darão uma boa contribuição analisando e proclamando a verdade destas tragédias — e oxalá o façam também governos, multinacionais, forças armadas e banco mundial, ainda que aqui as esperanças decaem ou se desvanecem segundo os casos.

Neste contexto, é especialmente importante que os meios de comunicação façam "a opção preferencial pela verdade", começando pelo mais exterior dela, se bem que muito importante, oferecendo dados fidedignos da realidade, e avançando ao mais profundo, suas causas. O panorama que oferecem os meios é muitas vezes desolador. É notícia escandalosa, por certo — os milhões que ganha um jogador de futebol, mas é preciso reconhecer que este fato não pertence à realidade mais real, senão ao âmbito factual, escandalosa e alienante num mundo que morre de fome. A "notícia" se converte em "realidade" quando se comparam as cifras do que custam e ganham desportistas, cantores, estrelas de cinema, com o que tem para sobreviver um ser humano na África ou em Bangladesh ou na paupérrima comunidade de Guadalupe destruída pelo terremoto. E então se aprende muito sobre o que é agravo comparativo, injustiça, inumanidade. Fazer esta comparação é algo que desafia a imaginação e produz vertigem. Mas, sobretudo, se converte em interpelação que não se pode calar: "é humano um mundo assim?"

A tragédia tem, pois, um imenso potencial educativo. Se analisamos e não encobrimos sua verdade, ela nos introduz na verdade do nosso mundo e na nossa própria verdade. Não é fácil. Inclusive em dias de terremoto, em El Salvador falamos muito mais do que ocorre em cidades de escondidos rincões e aldeias. Mas é necessário. Como dizia Ellacuría, se o primeiro mundo quer saber o que é, que olhe o terceiro mundo. E também nós podemos dizer aqui: se que-

remos conhecer a verdade da capital olhemos as aldeias e os rincões.

Em terceiro lugar, este deixar-se afetar pela tragédia pode gerar solidariedade. Costuma ocorrer às vezes que uma desgraça familiar ajuda a unir a uma família — *felix culpa!*, dizia-se antes —, e pode ser inclusive o único que chegue a uni-la. Ou dito de outra forma, se nem sequer o sofrimento a une, não há solução. E é que nos seres humanos sempre há reservas e redutos de bondade, adormecidos muitas vezes, mas que podem ser ativados pelo sofrimento dos outros. Não somos sempre e totalmente egoístas. Um terremoto em El Salvador, fome em Calcutá, a epidemia de AIDS na África podem, certamente ajudar a gerar consciência da família humana.

Nos povos sofredores, crucificados, algo há que atrai e convoca, que nos pode fazer sair de nós mesmos, e aí está a origem da solidariedade. Então, junto ao sentimento ético de obrigação ou junto à superação do sentimento de culpa, aparece o mais profundo e decisivo: o sentimento de proximidade entre os seres humanos. As solidariedades concretas vêm depois, e efetivamente são necessárias: roupa, comida, barracas, remédios, dinheiro, ajudas técnicas de todo tipo, perdão das dívidas... Mas tudo isto, sua qualidade, sua firmeza, o "para sempre" da solidariedade, surge de ver algo bom e humanizante em sermos próximos das vítimas deste mundo. E então talvez acontece o milagre do humano: o levar-nos mutuamente, o dar e receber o melhor que temos. E o milagre maior de nos amarmos uns aos outros como membros de

uma única família. Os cristãos expressamos isso com a maior radicalidade: amar-nos como filhos e filhas de Deus.

Acontece, então, o milagre da mesa compartilhada, o gozo de ser família humana.

5. DEUS E A ESPERANÇA

Em El Salvador proliferam diversos tipos de religiosidade, em seu conjunto é um país religioso, e mais nestes dias de catástrofe. Uns, os fanáticos, dizem que o terremoto foi um castigo de Deus também no terremoto de Guatemala, em 1976, o arcebispo de então disse que a causa eram os pecados dos sacerdotes. Outros, a maioria, se dirigem a Deus com agradecimento: “graças a Deus estamos vivos”, com esperança: “*primero Dios, saldremos adelante*”. E com submissão para encontrar algum sentido na catástrofe: “que se faça a vontade de Deus”. São frases semelhantes a outras tipicamente salvadorenhas: “primeiro Deus”, significa: “só Deus pode ajudar, dos homens não podemos esperar muito”. Ou esta outra, menos religiosa, mas que indica também como compreendem os pobres o sentido da vida: “*a saber*”. Isto é, na realidade não há muita lógica que faça o futuro previsível, certamente não uma lógica que esteja a seu favor.

Não se ouve muito a pergunta que conduz à teodicéia clássica: “ou Deus não pode ou não quer evitar as catástrofes. Em qualquer caso não fica bem parado”. A pergunta, contudo, continua ressoando: “onde está Deus?”. Também

a fez Jesus, e Paulo teve a audácia de responder: “na cruz”. Estes dias alguém respondeu: “Deus está no *Cafetalón*”, (refúgio dos desabrigados sem nada).

Para a pergunta sobre onde está Deus no sofrimento não há resposta lógica nem convincente. Sem entrar agora nisso, digamos que também Deus está crucificado. Na Europa, Bonhoeffer e Moltmann o expressaram muito bem. Entre nós algo, breve mas profundo, disse Ellacuría. Em definitivo, a resposta à pergunta por Deus só se decide na vida: se do mistério último, também em tempo de catástrofe, surge uma esperança, isto é, se a esperança não morre. Para ilustrá-lo terminemos com o seguinte episódio:

Com o terremoto ficaram destruídas várias igrejas, entre elas a Igreja do Carmo, em Santa Tecla, onde resido. Com pesar, as pessoas diziam al pároco: “Padre, ficamos sem Igreja”. E o pároco, Salvador Carranza, lhes respondeu: “Ficamos sem templo, mas não sem Igreja. A Igreja somos nós e de nós depende mantê-la com vida”.

Faz alguns anos, no tempo do terremoto histórico da repressão e da guerra, dizia Dom Oscar Romero: “No dia em que as forças do mal nos deixa-

rem sem esta maravilha (a radio), saibamos que nada de mau nos fizeram. Pelo contrário, seremos então mais 'viventres microfones' do Senhor e pronunciaremos por toda parte suas palavras".

Estas palavras são retóricas, mas são lúcidas e verdadeiras. Servem para animar a Igreja numa situação difícil, mas servem também para animar a um povo em circunstâncias como a atual. As palavras apontam, muitas vezes, para o fundamental. A maior tragédia é a destruição do humano de um povo. A maior solidariedade é ajudar a reconstruí-lo. A maior esperança é seguir ca-

minhando, praticando a justiça e amando com ternura.

Isso morreu em El Salvador? Creemos que não, mas é preciso fazê-lo crescer. Neste sentido, oxalá a solidariedade ajude a reconstruir casas, mas sobretudo pessoas, o povo; ajude a reparar caminhos, mas sobretudo modos de caminhar na vida; ajude a construir templos, mas sobretudo o povo de Deus. Oxalá a solidariedade dê esperança a este povo. Com ela, este povo encontrará modos de valer-se por si mesmo. E este povo devolverá em dobro, em forma de luz e ânimo, o que recebeu.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Você e sua comunidade acompanharam as notícias referentes ao terremoto que abalou El Salvador e, mais recentemente, a Índia?
2. Que sentimentos despertaram em você as reflexões de Jon Sobrino? Partilhe-as com sua comunidade.
3. Esses sentimentos levaram você e/ou sua comunidade a alguma forma de ajuda humanitária?



Jon Sobrino, SJ

Teólogo e escritor.

Reside na Nicarágua

Anunciação do Senhor

PE. LUÍS STADELMANN, SJ.

A aparição do anjo Gabriel a Nossa Senhora em Nazaré é conhecida como “Anunciação do Senhor”. O objetivo da aparição é a mensagem divina a Maria de que será Mãe do Messias. O relato consta apenas no Evangelho de S. Lucas (Lc 1,26-38). Diversa é a narrativa da “origem de Jesus” no Evangelho de S. Mateus: aí ocupa José o centro da cena, ao conhecer, por revelação divina, o mistério de Maria e a constituição da Sagrada Família (Mt 1,18-25).

REPRESENTAÇÕES DO MESSIAS NA BÍBLIA

O anúncio do advento do Messias implica também a especificação da figura de Messias, cujas representações no AT e, segundo a concepção judaica daquela época, não eram unívocas. Embora atribuísem ao Messias, como elemento essencial, a função de ser o intermediário das promessas divinas de salvação, muito divergiam quanto ao modo de ser exercida essa função. Mesmo a respeito da salvação não havia idéias perfeitamente uniformes. Apenas isto todas as esperanças messiânicas

pressupunham: que Deus havia de cumprir as suas promessas, manifestar sua benevolência para com os seus eleitos, erigindo seu reino de paz entre o homem. É óbvio que tal expectativa de um reino de paz podia deturpar as esperanças messiânicas para o surgimento de um “salvador” e “libertador” político.

Entre as várias figuras de Messias, são mencionadas seis no AT: o Messias-Rei (2Sm 7,16), Sacerdote (Zc 6,11-15), Profeta (Dt 18,15), o Messias-Mártir, como “Servo Sofredor” (Is 53,1-12), o

Messias transcendente, escatológico (Dn 7,13), e o Messias nacionalista de Israel (Gn 18,18). Cada uma dessas figuras messiânicas é especificada, em textos bíblicos, por meio de descrições exemplificativas, não exaustivas¹. A

essa diversidade de figuras, que se encontram na história da salvação, correspondem diversas categorias de mediadores, por causa da amplitude da mediação salvífica que as inspirou no curso da história².

O ANÚNCIO DA MENSAGEM

O anúncio da mensagem é apresentado, no relato, em termos de uma aparição do anjo celeste como intermediário da revelação a Maria. Os anjos têm papel importante na Bíblia como mensageiros de Deus. São mencionados sobretudo no contexto da história da salvação. Aí têm a função de transmitir uma mensagem de origem divina, não idéias oriundas das aspirações humanas, que, posteriormente, fossem atribuídas a Deus para legitimar seu conteúdo. Para ressaltar o teor divino da mensagem, os autores bíblicos descrevem o portador divino, utilizando recursos audiovisuais. Daí a visibili-

dade da figura do mensageiro e o relato sobre a mensagem por ele transmitida de viva voz, para fazer da mensagem imagem de seu sentido. Além disso, o anjo enviado a Maria não é anônimo, como no relato de S. Mateus (Mt 1,20); seu nome remete a outras missões divinas, a ele confiadas: é o anjo Gabriel, encarregado, na tradição do AT, de revelar o sentido último da história salvífica (cf. Dn 8,16-19; 9,20-27); no NT é o porta-voz por Deus enviado a anunciar o nascimento de João Batista e de Jesus Cristo. É a definitiva intervenção de Deus na história humana (Lc 1,5-25).

1. Convém notar a descrição exemplificativa da figura do Messias como é apresentada nos evangelhos: Lc 7,18-23 e Mt 11,2-6. Isto é proposital porque Jesus manifesta-se como um Messias totalmente diferente da imagem que dele faziam seus contemporâneos, incluído João Batista. Daí, é preciso coligir uma série de textos bíblicos, com teor messiânico, para relacionar as idéias com a mesma temática e que nela se enquadram; as características fundamentais de cada figura messiânica resultam da convergência dessas idéias e não apenas de uma única, que poderia ser interpretada de vários modos. No caso em questão são citados vários textos do profeta Isaías, que exemplificam a atuação messiânica de Jesus: "Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressurgem, os pobres recebem a boa nova" (Lc 7,22). O denominador comum dessas frases, tiradas do livro de Isaías, é a realidade decisiva do tempo messiânico, que consiste: 1º na presença da pessoa de Jesus Cristo, e 2º na função que exerce como Salvador.
2. Cf. A. AMATO, *Jesús el Señor*, Col. BAC, No 584, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1998, p. 69.

A mensagem divina propõe a Maria tornar-se a Mãe do Messias. Os termos da mensagem são palavras-chave do AT para indicar a origem do Messias: a casa davídica. Não se trata, pois, de mosaico de citações avulsas, ajuntadas a esmo para amplificar o diálogo entre o anjo e Maria. Tampouco há transposição de temas que pudessem empolgar uma jovem israelita, adaptados contingencialmente ao episódio da anunciação. São palavras-chave veterotestamentárias que se aplicam ao messianismo régio:

a) A saudação admirativa do anjo: "Alegra-te!" designa o anúncio da alegria messiânica (Jl 2,23; Sf 3,14; Zc 9,9)³. A expressão: "Cheia de graça" denota, em Maria, a plenitude da graça divina e dos dons do Espírito, por especialíssima benevolência divina⁴. A fra-

se: "O Senhor está contigo" significa, no AT, eleição divina para uma missão, aliança com Deus e garantia do auxílio divino, em caráter duradouro, por causa da inabituação do Espírito⁵.

b) A segunda intervenção do anjo concerne à perplexidade de Maria diante da revelação divina: "Não tenhas receio!"; a mesma expressão encontra-se nas mensagens de salvação do AT⁶. Aqui se menciona o motivo para Maria não ter receio: "Porque encontraste graça diante de Deus" por um privilégio inteiramente gratuito da benevolência divina⁷.

c) A mensagem divina explicita o papel de Maria na encarnação do Verbo e contém uma profecia sobre o futuro de Jesus. É importante notar que Maria recebe o anúncio da concepção como mandato: "Conceberás em teu seio!"⁸

3. Cf. Jl 2,23: "Alegrai-vos, filhos de Sião, e rejubilai-vos no Senhor, vosso Deus! porque vos deu o Guia para a justiça". Sf 3,14: "Solta gritos de alegria, filha de Sião! Lança vozes de júbilo, filha de Jerusalém! Alegra-te e regozija-te de todo o teu coração, filha de Jerusalém!". Zc 9,9: "Exulta de alegria, filha de Sião, solta gritos de alegria, filha de Jerusalém! Eis que teu rei vem a ti."

4. Cf. Eclo 18,17: "Cheio de graça".

5. Cf. Jz 6,12: "O Senhor está contigo".

6. Veja-se a perplexidade de Abraão diante das palavras alvissareiras, que são enunciadas na aparição divina (Gn 26,24); Moisés encoraja os israelitas, depois de lhes ter tirado o temor (Dt 20,1-4); o anúncio profético de renovada intervenção de Deus na história é transmitido ao povo atemorizado diante dos reveses (Is 41,10; Jr 30,11).

7. Cf. Gn 6,8; 18,3: "Encontraste favor aos olhos do Senhor"; esta expressão é usada para designar alguém que se torna objeto da benevolência divina, seja de modo inesperado seja como resultado de uma busca.

8. A frase é formulada como mandato: "Deverás conceber em teu seio", ou: "Conceberás em teu seio!" O verbo no tempo futuro é freqüentemente usado em grego com o sentido do imperativo categórico; em linguagem jurídica do AT tem praticamente sempre este sentido em hebraico, cf. M. Zerwick, *Biblical Greek* [English edition by J. Smith], Rome (Scripta PIB), Rome 1963, § 280.

O uso do pleonasmo "conceber no seio", em lugar do simples verbo "conceber, engravidar", é intencional para ressaltar a função da natureza humana (seio) na encarnação do Filho de Deus. Quanto à gestação e nomeação do nascituro: "Darás à luz um Filho, a quem deverás dar o nome de Jesus" convém citar o texto messiânico: "Eis a virgem que concebe e dá à luz um filho, ao qual dará o nome Emanuel" (Is 7,14). Em Isaías o nome é Emanuel "Deus está conosco"; em Lucas é Jesus: Yehoshûah, em forma abreviada Yeshûah, resumindo-se nesse nome toda a sua missão histórica: "o Senhor é salvação".

A profecia messiânica sobre o filho consta de cinco afirmações: 1º "será grande"; 2º será chamado "Filho do Altíssimo"; 3º receberá "o trono de Davi seu pai"; 4º "reinará na casa de Jacó

para sempre"; 5º "seu reino não terá limite".

As palavras do anjo são quase inteiramente constituídas por citações do AT:

"Cheio de graça" (Eclo 18,17). "Encontraste favor diante de Deus, aos olhos do Senhor" (Gn 6,8; 18,3). "O Senhor está contigo" (Jz 6,12). "Sejas bendita entre as mulheres!" (Jz 5,24). "Eis a virgem que concebe e dá à luz um filho, ao qual dará o nome Emanuel!" (Is 7,14). "Conceberás e darás à luz um filho" (Jz 13,3). "Teu trono será estável para sempre" (2Sm 7,16). "Ouvi a palavra do grande rei!" (2Rs 18,28). "Sois filhos do Altíssimo" (Sl 82,6). Ele terá uma soberania ampla... sobre o trono de Davi e sobre o seu reino" (Is 9,6). "Seu reino é eterno e não terá limite" (Dn 7,14). "O Senhor reinará sobre eles... desde então para sempre" (Mq 4,7).

EXPLICAÇÃO DA PROFECIA MESSIÂNICA

Os elementos literários dessa profecia messiânica têm de ser explicados no contexto da linguagem em uso na literatura do antigo Oriente Médio. Assim, a promessa de grandeza do filho concerne à qualidade pessoal, por ser alguém que se elevará acima do comum dos seres humanos. A referência à função como Filho do Altíssimo tem sua explicação no costume em voga entre os antigos cananeus e hebreus de designarem magistrados e altos funcionários

do rei como "filhos do Altíssimo" (em hebraico: *benê 'elyôn*)⁹. A forma literária desta expressão consta no salmo 82, situado no contexto histórico da pregação dos profetas Isaías e Amós, quando se insurgiram contra a ideologia cananéia que estava invadindo não só os setores administrativos mas também a mentalidade da opinião pública de então. No NT é citada a expressão Filho do Altíssimo, aplicando-se a Jesus porque faz jus a este título honorífico por

9. Cf. H.-J. FABRY, "Ihr alle seid Söhne des Allerhöchsten" [Ps 82,6], in: ZAW 87 (1975) 86.

ser o Messias enviado ao mundo para implantar o Reino de Deus em âmbito mundial. Por outro, se fosse designado “Filho de Deus”, temos que distinguir entre o uso desse título no AT e no NT. É que no AT trata-se de um título atribuído a um anjo ou a um homem a serviço de Deus; neste caso, sua função poderia ser entendida em termos estritamente religiosos, seja no contexto cultural como sacerdote ou levita, seja no contexto extra-cultural como profeta. No NT trata-se de um título cristológico que foi aprofundado por S. Paulo de forma a abranger “todos os modos de ser de Cristo”, o preexistente, o enviado para a obra da redenção, o glorificado e o salvador que aparecerá para o juízo¹⁰.

A sucessão no trono de Davi diz respeito à restauração da realeza davídica no território de Judá, após sua supressão não por insurreição popular, contra o regime monárquico, mas por agressão

externa pelos exércitos babilônicos, por ocasião da conquista e ocupação do Reino do Sul, em 587 a.C. Com a queda do império babilônico começou, sob o poderio persa, uma nova fase na história do povo de Judá, quando o edito imperial, promulgado por Ciro em 538 a.C., decretou a repatriação dos judeus exilados e a reconstrução do Templo de Jerusalém, mantendo, porém, supressa a realeza davídica, que nunca mais foi restaurada em Judá durante os cinco séculos seguintes, quer sob o império persa, quer helenista ou romano. Quanto à duração para sempre, na linguagem áulica das cortes do antigo Oriente Médio, era entendida em sentido temporal, referente ao período da vida do monarca¹¹. A cláusula de perpetuidade do reinado tem sua origem no protocolo da entronização do novo rei, cuja cerimônia solene era celebrada no santuário¹². Ao ser investido de poder e ma-

10. Cf. R. SCHNACKENBURG, *La persona de Jesucristo. Reflejada en los cuatro Evangelios*, Herder, Barcelona 1998, p. 444ss. Quanto aos textos dos Evangelhos, que nos apresentam a pessoa de Cristo em sua dignidade excelsa, podemos compreender melhor seu sentido em sua relação com Deus Pai. É de notar-se, porém, que o interesse de S. Paulo não se dirige unicamente para o ser e a natureza do “Filho de Deus”, mas engloba também seu significado salvífico quanto a nós: O “Filho de Deus” obteve para nós a filiação adotiva, tornando-nos “filhos de Deus” (Gl 4,5; Rm 8,14-17).

11. Nos Salmos da realeza davídica (Sl 2,18,20,21,45,72,89,101,110,132, 144) frequentemente se menciona a expressão “para sempre” aplicada à duração do reinado e/ou da dinastia.

12. O uso de hipérboles no relato das promessas alvissareiras dos profetas é típico da linguagem áulica. Convém notar a referência à queda do rei e da monarquia davídica (em 587 a.C.), atribuída nos salmos à infidelidade à aliança divina (Sl 89,31-52). Nos mesmos salmos inclui-se uma cláusula condicional à perpetuidade da promessa dinástica — originalmente formulada de maneira incondicional em 2Sm 7,1-29 — dizendo que a continuidade da casa davídica depende da observância dos preceitos da aliança divina (Sl 132,12; cf. tb. 1Rs 9,4-5).

jestade o rei recebia a confirmação do alto, através da aliança com Deus, ratificada pela promessa de vinculação “indissolúvel” durante toda a sua vida. A especificação do reinado do Messias sobre a Casa de Jacó situa a realza da vídica no âmbito da história da salvação, não no da história sócio-política. Por isso é citado Jacó, o terceiro patriarca, pai de doze filhos, que são os ancestrais das doze tribos de Israel. “Casa de Jacó” designa a totalidade do povo israelita (Is 22,5 etc.), distin-

guindo-se da “Casa de Israel”, que abrange o conjunto das doze tribos ou apenas as dez tribos do Norte, e da “Casa de Judá”, que se refere unicamente às duas tribos do Sul. Finalmente, a promessa do reino que não terá limite se entende à luz da linguagem da corte, em uso na redação do protocolo da entronização do rei com os augúrios de estabilidade do trono e de extensão territorial do seu reinado sem redução de suas fronteiras por ocupação de exércitos inimigos.

“MARIA NÃO CONHECE HOMEM”

O texto em Lc 1,34 “Não conheço homem” apresenta variantes textuais nas traduções em português. Na Bíblia: Tradução Ecumênica (TEB) se amplifica o texto original com uma interpretação de Lc 1,34: “visto que não tenho relações conjugais”. Na edição pastoral da Bíblia Sagrada consta uma tradução interpretativa: “não vivo com nenhum homem”¹³. No comentário ao Evangelho de Lucas, da autoria de R. Fabris, aparece uma interpretação do texto gre-

go e não uma tradução, pois lá consta a frase pronunciada por Maria “visto que eu sou virgem”¹⁴. Entretanto, convém manter o sentido original da frase em grego, sem modificar as palavras a título de releitura atualizante.

Em resposta ao anúncio messiânico, Maria faz uma pergunta ao anjo: “Como se fará isso?”. Procuramos saber se a pergunta de Maria se refere à concepção — sendo ela atualmente virgem —, ou à sucessão no trono de Davi —

13. Bíblia: Tradução Ecumênica (TEB), Edições Loyola, São Paulo 1994. Bíblia Sagrada. Edição Pastoral, 9a ed., Paulus Editora, São Paulo 1993; na nota de rodapé são citados textos bíblicos do AT (Ex 40,35; Nm 9,18-22; 10,34) a título de referências à presença eficaz de Deus junto a seu povo. Cf. Bíblia Sagrada. Edição Pastoral, 9a ed., Paulus Editora, São Paulo 1993; a nota de rodapé contém um breve comentário ao texto: “O fato de Maria conceber sem ainda estar morando com José, indica que o nascimento do Messias é obra da intervenção de Deus. Aquele que vai iniciar a nova história, surge dentro da história de maneira totalmente nova”.

14. R. FABRIS, “O Evangelho de Lucas”, in: Rinaldo Fabris — Bruno Maggioni, *Os Evangelhos*, Tradução e Comentários (II), [Coleção Bíblica Loyola 2], São Paulo, Edições Loyola, 1992, p. 31.

sendo ela prometida em casamento a um homem obscuro da dinastia davídica e insignificante aos olhos das autoridades públicas. Em todos os comentários antigos e recentes se explica a frase “Não conheço homem” como referência ao estado de virgindade. Apresentamos uma explicação baseada em conotação da palavra hebraica *’is* (homem)¹⁵.

O recurso a palavras hebraicas não é um pretexto de inovação exegética, inspirado na erudição em línguas semíticas, mas faz parte do método de análise semântica, que estuda o conceito, especificando determinada conotação e situando-a no campo semântico dos textos do AT. Ora, o termo “homem” em Lc 1,27 tem a conotação de “notável, eminente”. Trata-se, portanto, de verificar nos textos veterotestamentários se aí ocorre essa conotação. Aliás, não é apenas este conceito: todas as citações tiradas do texto masorético do AT, contidas nesta perícope, ajudam a esclarecer a terminologia de S. Lucas e por isso temos de descobrir,

no hebraico, uma referência à frase “Não conheço homem”. Com efeito, no livro dos Salmos ocorre a palavra hebraica: *’is* “homem, notável” na expressão *benê ’is* “os notáveis” (Sl 49,3; 62,10), em contraste com “gente simples”: (*benê ’adam*).

Na frase: “Não conheço homem”, o ponto em discussão seria não apenas a concepção, mas igualmente a sucessão no trono de Davi, estando Maria prometida em casamento a um homem obscuro e insignificante da dinastia davídica? O estado virginal de Maria, já explicitamente mencionado (Lc 1,27), leva, naturalmente, à interpretação tradicional: “Não conheço marido.” E a questão da sucessão do herdeiro ao trono real, sendo que José não era um dos “notáveis” na vida política que pudesse restaurar a monarquia davídica? José teria de esmagar a monarquia espúria da casa real de Herodes, o edomita — forasteiro e tradicional inimigo dos israelitas¹⁶ —, que usurpava o trono de Judá¹⁷? O motivo de Maria perguntar: “Como se fará

15. E. JENNI — C. WESTERMANN, *Theologisches Handwörterbuch zum AT I*, (THAT), Chr. Kaiser Verlag, München — Theologischer Verlag, Zürich 1971, *’is* «homem», col. 132-135. Em grego consta a palavra «aner, andra» com várias conotações: «nobre, príncipe, líder»; cf. H.G. LIDDELL — R. SCOTT, *A Greek — English Lexicon*, ed. rev. with suppl., Clarendon Press, Oxford 1968, p. 138.

16. A hostilidade dos edomitas contra o povo de Israel data de tempos muito antigos; é mencionada no Sl 137,7 “Senhor, lembra aos filhos de Edom aquele dia de Jerusalém, em que diziam: «Arrasai-a, arrasaia-a até aos alicerces!»”. Neste salmo se lança uma impreciação contra os edomitas, que fizeram causa comum com os babilônios por ocasião da destruição de Jerusalém, em 587 a.C.

17. A casa real de Herodes desapareceu no fim do séc. I. d.C. É notório o papel dos edomitas nos combates sangrentos entre as facções políticas, que se degladiavam mutuamente na luta pela supremacia sobre a cidade de Jerusalém, antes de ser destruída pelos exércitos romanos, em 70 d.C., cf. Flávio Josefo, BJ, VI, 5, §1ss.

isso?" implicaria um problema bem mais complexo do que aparece à primeira vista, tratando-se da substituição da casa real de Herodes pela casa de Davi. Ora, quem poderia realizar um empreendimento de tal envergadura, sem o apoio do Império Romano? Certamente não seria José, já que não era um "notável" no âmbito político do território de Judá.

Resta ainda esclarecer qual seria uma outra opção viável para Maria se tornar mãe do rei messiânico. Porventura teria de casar-se com um pretendente ao trono, com chance de se tornar rei? Então teria ela de "conhecer" alguém outro que José, isto é, deveria ela tornar-se noiva de alguém que não seja José? Neste caso ela teria de romper seu noivado com José? A resposta do anjo abre nova perspectiva à maternidade de Maria: "Virá sobre ti o Espírito Santo e o poder do

Altíssimo te cobrirá com sua sombra; e por isso o que de ti nascerá é santo, o Filho de Deus" (Lc 1,35).

Trata-se da concepção por obra do Espírito Santo. Esta explicação do anjo a respeito da concepção virginal, sem ulterior referência à sucessão no trono, suficientemente esclarece qual a preocupação da Virgem Maria.

Sinal confirmativo da concepção divina é o milagre de uma concepção humana: Isabel, mulher idosa e estéril, concebe um filho contra todas as leis ordinárias da natureza, porque, para Deus, "nada é impossível" (Lc 1,37).

A resposta de Maria à mensagem do anjo é de aceitação da maternidade e da missão de colaboradora na obra messiânica de Jesus Cristo: "Eis aqui a serva do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra!" (Lc 1,38).

A VIRGINDADE DE MARIA

Sto. Agostinho e S. Gregório de Nissa, ao comentarem as palavras de Maria ao anjo: "Não conheço homem" (Lc 1,34), falam de possível voto de virgindade por parte de Maria¹⁸. Aliás, S. Gregório de Nissa inspirou-se no livro apócrifo:

Proto-Evangelho de Tiago (11,1-3), que menciona (v. 2): "Por acaso conceberei de Deus o Senhor vivo, como qualquer mulher geradora?" (v. 3): "Então o anjo lhe disse: «Não é assim, Maria; o poder de Deus te cobrirá com a sombra»"¹⁹.

18. AGOSTINHO, De s. virg. 4,4 (PL 40,398); Sermo 225, 2,2 (PL 38,10196s); Sermo 291, 5 (PL 38, 1318); GREGÓRIO DE NISSA, Or. in diem Nat. Chr. (PG 46, 1140).

19. O Proto-Evangelho de Tiago é um livro apócrifo de edificantes narrativas sobre a infância de Jesus; supõe-se que tenha sido compilado por um judeu cristão, baseado em várias fontes, incluídos os Evangelhos canônicos de Mc e Lc. Sua data provável é de meados do séc. II d.C. Cf. K. Aland, Synopsis Quattuor Evangeliorum. Locis parallelis evangeliorum apocryphorum et patrum adhibitis. 2a ed., Württembergische Bibelanstalt, Stuttgart 1965, No 3, p. 4.

Trata-se de uma expressão típica na Bíblia sobre a ação divina na vida humana, não da linguagem figurada em outra literatura. É que na história bíblica a presença viva e operante de Deus manifesta-se de diversas maneiras: no Êxodo: pela coluna de nuvem; no Templo: pela Arca da Aliança; nos fiéis: pela sombra, como imagem da experiência espiritual bíblica da relação do ser humano com Deus: "Javé é a tua sombra, ele está à tua direita" (Sl 121,5). Falamos da "experiência", porque é algo vital, experimentado na própria carne, não mera dedução intelectual; seu sentido é "espiritual", porque Maria se converte em receptora, por excelência, do Espírito e, consequen-

temente, em mãe do Filho de Deus. Neste lugar convém acentuar quanto é importante para a cristologia a virgindade de Maria²⁰. No texto de S. Lucas menciona-se explicitamente "uma virgem prometida em casamento a um homem, chamado José, da casa de Davi; a virgem se chamava Maria" (Lc 1,27)²¹. Não se menciona voto de virgindade, mas ressalta-se o estado virginal de Maria, pela justaposição de duas frases: "a virgem prometida em casamento" e "a virgem se chamava Maria"²².

A virgindade de Maria, como sinal de plena pertença a Deus, tem por motivo um ideal religioso: 1º seu amor a Deus; 2º seu exclusivo serviço ao Povo de Deus²³. A missão singular de Maria, como

20. Um retrospecto sobre o messianismo do AT mostra que a mãe do messias ocupa um lugar secundário no âmbito veterotestamentário; isto se deve ao fato de não ter sido escolhido para ela uma missão especial no contexto do AT. Mais importante do que os vários tipos de messianismo do AT é a diferença com o messianismo do NT, pois no AT não se exige que o Messias seja de natureza divina, ao passo que no NT o Messias é Homem-Deus. Isto é porque a missão de Cristo (Messias) não se limitava a dar cumprimento às promessas messiânicas, intraterrenas ou transcendentais, mas a elevar os seres humanos à participação na sua glória, mediante a vitória sobre a morte, obtida por meio da sua ressurreição (1Cor 15,53-57). A meta da mediação salvífica não está ausente ao pensamento de S. Paulo, quando considera o messianismo de Cristo, cuja consumação é sua ressurreição, penhor da nossa ressurreição futura.
21. A interpretação marial do texto de Is 7,14 vem de Mateus. No hebraico ocorre a palavra 'almâ, que significa tanto a "moça virgem" como uma "jovem recém casada". O termo hebraico ('almâ) tem o mesmo significado que glmt, em ugarítico, designando uma "senhora da nobreza e de origem estrangeira". Por isso, a versão grega dos setenta (LXX), traduz 'almâ por parthenos, que quer dizer: "virgem", no sentido do termo ugarítico (glmt), referindo-se à "esposa estrangeira de nobre linhagem".
22. Do significado do termo "virgem" podemos deduzir os seguintes dados: 1º a linhagem davídica de Maria se ressalta novamente com essa citação, tirada do livro de Isaías, como já foi mencionada na lista genealógica (Mt 1,1-16) que inclui tanto Maria como José no rol dos descendentes da casa davídica; 2º o estado virginal de Maria, citado anteriormente (Mt 1,18), é explicitado em termos de virgindade fecunda, em alusão às histórias antigas de nascimento milagroso de um futuro rei.

mãe de Deus, assim como foi causa da plenitude de graça, bem pode ter sido providência e especial iluminação de Deus, inspiração para abraçar a virgindade. O estado virginal de Maria recebeu uma guinada totalmente inesperada, subordinando-se sua vida celibatária à missão de Mãe de Jesus. Entretanto, seu ideal de virgindade manteve-se intacto tanto na concepção, como no parto e por toda a sua vida na terra. O motivo é que não apenas no plano fisiológico, mas também pessoal, Maria esteve totalmente a serviço da encarnação do Filho de Deus e de sua obra re-

dentora. Ela contribuiu, de maneira exemplar para toda a Igreja, com seu próprio ser corpóreo e espiritual, com suas faculdades intelectuais e volitivas à implantação do cristianismo no mundo. Por sua participação na encarnação de Cristo, Maria, preservada do pecado original, ficou indene à maldição de Eva, quanto às dores no parto (Gn 3,16). Por isso sua amizade com Deus, a comunhão com ele e a inabituação do Espírito enobreceram-na desde a sua conceição, em previsão de sua dignidade de Mãe de Cristo, e é razão de a Igreja declarar o dogma da "Imaculada Conceição".

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Que elementos a leitura deste artigo proporcionou a você para uma melhor compreensão do texto de Lucas 1,26-38?
2. Procure partilhar com sua comunidade os sentimentos que a leitura do texto suscitou em você.

 Pe. Luís Stadelmann, sj.

Cx. Postal 135
88010-970 Florianópolis - SC

23. Outros motivos para a virgindade são mencionados na literatura não-cristã daquela época: um filósofo judeu, chamado Filão, contemporâneo da primeira comunidade cristã, fala da virgindade por amor à virtude e à sabedoria. Entre os essênios se enaltecia o ideal da virgindade por motivo espiritual, cf. R. Laurentin, *Structure et théologie de Luc I-II*, 4a ed., Gabalda, Paris 1964, pp. 179-188; J. Bonsirven, *Le judaïsme palestinien aux temps de Jésus-Christ. Sa théologie*, I-II, Paris 1934, pp. 269-279.